

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINA CATTANEO

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO TELEJORNALISMO SENSACIONALISTA

PORTO ALEGRE

2017

CAROLINA CATTANEO

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO TELEJORNALISMO SENSACIONALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Thaís Helena Furtado

PORTO ALEGRE

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Cattaneo, Carolina
A violência contra a mulher no telejornalismo
sensacionalista / Carolina Cattaneo. -- 2017.
93 f.
Orientadora: Thaís Furtado.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação
Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Violência contra a mulher. 2. Sensacionalismo.
3. Jornalismo . 4. Telejornalismo. I. Furtado, Thaís,
orient. II. Título.

CAROLINA CATTANEO

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO TELEJORNALISMO SENSACIONALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Thaís Helena Furtado – UFRGS
Orientadora

Prof. Dr. Sean Hagen – UFRGS
Examinador

Ma. Anelise Schutz Dias – UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, Thaís Furtado, por ter me ajudado a realizar este trabalho e ter sido fundamental no meu processo de aprendizagem.

Agradeço também aos meus pais, Milton Cattaneo e Regina M. Schneider Cattaneo, por terem me dado todo apoio necessário e incentivo para que eu conseguisse o meu diploma de Ensino Superior. Sem a ajuda deles, isso não seria possível. Serei eternamente grata por todo esforço que fazem para que eu sempre siga em busca dos meus sonhos.

Meu agradecimento imenso à minha irmã, Camila Cattaneo, que em nossas conversas sempre me incentivou a ter um olhar crítico para o social. Agradeço pelos conselhos e por ser um exemplo para mim. Agradeço ao meu cunhado, Felipe Diehl, que considero um irmão, por ter sempre me ajudado. Manifesto minha gratidão ao meu sobrinho, Rafael Cattaneo Diehl, pelo carinho.

Agradeço ao meu namorado, Leonardo Vieceli, pelo companheirismo, pela paciência e pela ajuda nesta jornada, que foram fundamentais.

Meu eterno carinho aos professores e colegas que tive na Universidade Feevale, onde comecei o curso de jornalismo. Um agradecimento especial ao Núcleo de Rádio da instituição, onde tive o meu primeiro contato com a profissão que escolhi.

Agradeço aos meus colegas da Zero Hora por todo aprendizado diário e pelas oportunidades que tive.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que conheci na UFRGS. A troca de universidade, que fiz no meio da minha graduação, me ajudou muito em meu amadurecimento profissional e pessoal. Meu muito obrigada a todas as pessoas que, de alguma forma, me auxiliaram a atingir esse objetivo.

“Apesar de nossas conquistas, mesmo não tendo as melhores oportunidades, ainda costumam dizer que somos inferiores, e isso continua a transparecer em comentários públicos, piadas, letras de músicas, filmes ou peças de publicidade. Dizem que somos más motoristas, que gostamos de ser agredidas, que devemos nos restringir à cozinha, à cama ou às sombras.”

(Maria da Penha)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo **descobrir quais os sentidos percebidos nos telejornais sensacionalistas por mulheres de baixa renda – e que sofreram violência – e se eles as representam.** Para atingir esse objetivo, foram apresentados uma reportagem, uma nota coberta e um VT ilustrativo dos telejornais *Balanço Geral*, *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta* para um grupo focal com seis mulheres da Ocupação Mirabal, lugar que abriga mulheres vítimas de violência ou em baixas condições sociais em Porto Alegre. Apesar dos produtos não terem a mesma estrutura, todos são vídeo tapes que falam de um mesmo assunto. Posteriormente, suas falas foram analisadas por meio da análise do discurso de linha francesa. Na base teórica da pesquisa, são apresentados dados e o contexto histórico da violência contra a mulher no Brasil – a partir de conceitos de autores como Saffioti (1999) e Strey (2004) – e estudos sobre a relação da violência com o telejornalismo sensacionalista – de autores como Debord (1997) e Traquina (2005). A partir dos resultados das análises, foram encontrados dois eixos de sentido na fala das mulheres: a representação da mulher e a representação da violência contra a mulher. Dentro desses eixos, foram identificadas nove formações discursivas: a mulher como culpada, a mulher como vulnerável, a mulher como alvo de humilhação e a mulher sem voz – no primeiro eixo –, a impunidade do homem na violência contra mulher, a violência descontextualizada, o sensacionalismo na violência, a violência contra mulher decorrente da criação familiar e a violência banalizada – no segundo eixo. Como resultado, descobriu-se que essas mulheres – que fazem parte do público-alvo dos telejornais estudados – não se sentem representadas nas matérias.

Palavras-chave: Telejornalismo. Violência Contra Mulher. Telejornalismo. Sensacionalismo. Análise do Discurso. Grupo Focal.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| AGRADECIMENTOS | 4 |
| PREFÁCIO..... | 5 |
| RESUMO | 6 |
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 Violência contra a mulher: da abordagem histórica à atualidade..... | 13 |
| 2.1 Contexto Histórico da Violência | 13 |
| 2.2 Os motivos da Violência..... | 16 |
| 3 A relação da violência com o jornalismo | 22 |
| 3.1 A Violência e os Valores-notícia | 23 |
| 3.1.1 <i>Valores-notícia de Seleção – Critérios Substantivos</i> | 23 |
| 3.1.2 <i>Valores-notícia de Seleção – Critérios Contextuais</i> | 25 |
| 3.1.3 <i>Valores-notícia de Construção</i> | 26 |
| 3.2 A violência retratada pelo telejornalismo | 28 |
| 4 Telejornalismo e sensacionalismo | 32 |
| 4.1 Telejornais sensacionalistas | 36 |
| 4.1.1 <i>Balanço Geral</i> | 36 |
| 4.1.2 <i>Cidade Alerta</i> | 38 |
| 4.1.3 <i>Brasil Urgente</i> | 39 |
| 5 METODOLOGIA: encontrando os sentidos | 41 |
| 5.1 Grupo Focal | 42 |
| 5.2 Análise do Discurso..... | 45 |
| 5.3 Procedimentos Metodológicos | 47 |
| 5.3.1 <i>Procedimentos do Grupo Focal na Ocupação Mirabal</i> | 47 |
| 5.3.2 <i>Procedimento da Análise do Discurso</i> | 51 |
| 6 Análise: representações da mulher e da violência contra a mulher..... | 54 |
| 6.1 FD1 A Mulher Como Culpada | 54 |

| | |
|--|----|
| 6.2 FD2 A Mulher Como Vulnerável | 57 |
| 6.3 FD3 A Mulher Como Alvo de Humilhação | 59 |
| 6.4 FD4 A Mulher Sem Voz..... | 61 |
| 6.5 FD5 A Impunidade do Homem na Violência Contra a Mulher..... | 62 |
| 6.6 FD6 A Violência Descontextualizada..... | 64 |
| 6.7 FD7 Sensacionalismo na Violência | 65 |
| 6.8 FD8 A Violência Contra Mulher Decorrente da Criação familiar | 67 |
| 6.9 FD9 A Violência Contra a Mulher como Fenômeno Banalizado | 68 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| REFERÊNCIAS..... | 75 |
| APÊNDICE A | 79 |
| APÊNDICE B | 88 |

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher no Brasil tem dados alarmantes. Segundo o site *Relógios da Violência*¹, do Instituto Maria da Penha², a cada dois segundos, uma mulher é vítima de violência física ou verbal; a cada 6,9 segundos, uma mulher é vítima de perseguição; a cada 7,2 segundos, uma mulher é vítima de violência física. De acordo com dados do Ipea³, no período de 2001 a 2011, estima-se que ocorreram mais de 50 mil feminicídios no Brasil. Isso equivale a 5 mil mortes por ano. Devido à relevância da situação e ao machismo presente na sociedade, o assunto precisa ser problematizado.

As políticas públicas que têm como objetivo combater a violência contra a mulher ainda são muito recentes. A Lei Maria da Penha⁴, por exemplo, foi criada em 7 de agosto de 2006. Ou seja, a legislação tem apenas 11 anos. Por várias décadas, a violência contra a mulher foi banalizada e tratada como algo aceitável. Um dos motivos disso está na cultura machista da sociedade, que ainda necessita evoluir bastante.

A mídia tem um alcance grande e, ao tratar desse tema, especialmente o jornalismo possui um papel social importante. Nos últimos anos, casos de violência, envolvendo não apenas cidadãos comuns, mas também pessoas públicas, começaram a ganhar destaque na imprensa.

Pelo fato de a violência contra a mulher ainda ser grande, decidi estudar o tema neste trabalho de conclusão de curso (TCC). A intenção de problematizar como o telejornalismo sensacionalista aborda o assunto violência contra a mulher surgiu logo depois que ingressei no curso de Jornalismo. Comecei a perceber que, todos os dias, havia notícias nos jornais, na internet e na televisão que relatavam casos de violência. Fiquei então espantada com a quantidade de feminicídios que eram noticiados diariamente, sem falar em outros tipos de violência. Conhecendo as

¹ Disponível em: < <https://www.relogiosdaviolencia.com.br/#> >. Acesso em: 16 dez. 2017.

² Maria da Penha é um marco na luta da violência contra a mulher. Em 1983, enquanto dormia, recebeu um tiro do marido, que a deixou paraplégica. Depois de se recuperar, foi mantida em cárcere privado e sofreu outras agressões. Em 2006, uma lei foi criada com seu nome para coibir a violência doméstica contra mulheres.

³ Disponível em: <http://agencia.ipea.gov.br/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=11160&limit=10&Itemid=73>. Acesso em: 15 dez. 2017.

⁴ Artigo 5 da Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

características dos telejornais sensacionalistas e tendo conhecimento de que pessoas das classes C, D e E costumam ser telespectadores desses programas, que exibem muitas notícias que envolvem violência contra a mulher, resolvi realizar esta pesquisa.

Minha intenção era descobrir se mulheres que pertencem a essas classes sociais e que já sofreram com a violência se sentiam representadas nas matérias dos telejornais sensacionalistas, já que elas fazem parte do seu público alvo. Para colocar em prática minha intenção, realizei um grupo focal com seis mulheres da Ocupação Mirabal – coletivo que abriga mulheres vítimas de violência ou que passam por dificuldades financeiras em Porto Alegre. Exibi para elas uma reportagem, uma nota coberta e um VT ilustrativo dos telejornais *Cidade Alerta*⁵ e *Balanço Geral*⁶, da Rede Record, e *Brasil Urgente*⁷, da Rede Bandeirantes. A escolha desses programas se justifica por serem sensacionalistas. Depois, utilizando a metodologia da análise do discurso, analisei quais os sentidos que as entrevistadas percebiam nos programas jornalísticos e se eles as representavam.

A primeira matéria, do programa *Cidade Alerta*, trata de um caso de feminicídio, no qual o companheiro da vítima a assassinou dentro de casa. A segunda matéria, do telejornal *Brasil Urgente*, fala de uma mulher que foi morta dentro da Penitenciária de Santo André, em São Paulo, quando realizava uma visita íntima ao seu ex-companheiro. A terceira matéria trata de uma notícia exibida pelo *Balanço Geral* que, ao relatar o desaparecimento de uma jovem, mostra o vídeo que foi divulgado por seu companheiro nas redes sociais antes do ocorrido. As três matérias foram escolhidas porque apresentam características sensacionalistas, conforme conceitos de autores como Debord (1997) e Sandano (2006).

Na base teórica do estudo, são apresentados dados e o contexto histórico da violência contra a mulher no Brasil – a partir de conceitos de autores como Saffioti (1999) e Rocha (2007). Além disso, a pesquisa relata os conceitos de noticiabilidade de Traquina (2005) e estudos sobre a relação da violência com o telejornalismo sensacionalista.

⁵ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidade-alerta/videos/mulher-e-assassinada-pelo-namorado-dentro-de-casa-em-sp-02112017>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁶ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/balanco-geral/videos/jovem-desaparece-apos-divulgacao-de-video-em-que-e-agredida-pelo-namorado-01112017>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁷ Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/16341468/sp-mulher-e-morta-dentro-da-cadeia-durante-visita-intima.html>>.

No próximo capítulo deste trabalho, são apresentados dados da violência contra a mulher no Brasil a partir de uma abordagem histórica até a atualidade. Outra questão elencada são os motivos que fazem com que casos de violência ainda ocorram na sociedade brasileira.

No capítulo posterior, é apresentada a relação da violência com o jornalismo, citando os conceitos de valores-notícia de Traquina (2005). O texto também aborda a relação da violência com o telejornalismo.

Em seguida, são abordados os conceitos do telejornalismo popularesco. Por meio de autores como Debord (1997) e Sandano (2006), o trabalho cita as características do sensacionalismo e explica os traços dos telejornais abordados na pesquisa.

O quinto capítulo apresenta as metodologias utilizadas. Como foi dito, uma delas é o grupo focal, realizado com as mulheres da Ocupação Mirabal. A outra metodologia é a análise do discurso de linha francesa, utilizada para analisar os sentidos que as entrevistadas encontraram nas matérias e se esses sentidos as representam.

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, é **descobrir se os sentidos percebidos por mulheres de baixa renda - e que sofreram violência - nos telejornais sensacionalistas as representam**. Já os objetivos específicos são: 1) conhecer dados da violência contra a mulher no Brasil a partir de uma abordagem histórica até a atualidade; 2) compreender quais os motivos que fazem com que casos de violência ainda ocorram na sociedade brasileira; 3) entender qual a relação da violência com o jornalismo e, especialmente, com o telejornalismo; 4) compreender as características do telejornalismo popularesco – especialmente dos programas *Cidade Alerta*, *Brasil Urgente* e *Balanço Geral* – e os conceitos de sensacionalismo.

Acredito que este trabalho é importante no atual momento da sociedade, quando muito se fala sobre o machismo e de como os meios de comunicação podem auxiliar a combater preconceitos existentes na cultura brasileira. Com a pesquisa, tenho a intenção também de problematizar se o telejornalismo sensacionalista não incentiva estereótipos e reproduz conceitos machistas. Penso que quanto mais esse assunto for problematizado, mais igualdade teremos nos meios de comunicação e na sociedade.

Essa pesquisa segue as linhas da Teoria Construcionista, que não vê o jornalismo como um espelho da realidade mas a partir de um paradigma construtivista. Ou seja, que acredita que toda a representação é uma construção subjetiva da realidade.

2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: DA ABORDAGEM HISTÓRICA À ATUALIDADE

Neste capítulo, trataremos do contexto histórico da violência contra a mulher no Brasil e das mudanças que ocorreram ao longo dos anos, como a implementação da Lei Maria da Penha e das delegacias especializadas no atendimento à mulher (DEAMs). Abordaremos dados atuais, mostrando a relevância de se discutir esse assunto, e os motivos de a violência ainda estar presente em nossa sociedade.

2.1 Contexto Histórico da Violência

Casos de violência contra a mulher ainda ocorrem devido a uma série de questões históricas que perpetuam em nossa sociedade. Por muito tempo, era aceitável e incentivada a ideia de que o sexo feminino era inferior ao masculino. No Brasil Colônia, as mulheres eram obrigadas a casar com homens mais velhos e não tinham nenhum tipo de autonomia. O Código Criminal de 1830⁸ dizia que, se um homem tirasse a virgindade de uma mulher com menos de 17 anos, seria punido. Entretanto, se ele se casasse com ela, não haveria punição. Anos mais tarde, no Código Civil de 1916⁹, o machismo continuava prevalecendo. De acordo com a lei, o marido poderia “devolver a mulher” e pedir a anulação do casamento até 10 dias depois da cerimônia se descobrisse que ela não era virgem antes de se casar. O grande problema é que esse código só foi revogado¹⁰ em 2002. Ou seja, cerca de 15 anos atrás, a determinação ainda valia perante à Justiça. Esses e outros fatos históricos fizeram com que as gerações seguintes continuassem a reproduzir o machismo e, por muito tempo, a violência contra as mulheres foi totalmente banalizada. As mudanças que ocorreram na sociedade diante desse tema são muito recentes.

De acordo com Porto (2000), o conceito de violência, de modo geral, está interligado a determinadas épocas e determinados ambientes socioculturais. A

⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em: 15 set. 2017.

⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm>. Acesso em: 16 set. 2017.

¹⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm#art2045>. Acesso em: 16 set. 2017.

autora afirma que, pouco tempo atrás, os crimes contra as mulheres não eram considerados violência.

Há não mais de poucas décadas, estupro ou espancamento de mulheres eram fenômenos tratados na esfera privada, não nomeados como violência. A própria criação de delegacias da mulher e criminalização de atos de violência contra a mulher sinalizam para novos sentidos do que se considera violência, o que reflete em outro estatuto da condição feminina. Apontam, também, uma maior igualdade entre os sexos, na medida em que a mulher se constitui enquanto portadora de direitos. (PORTO, 2000, documento eletrônico).

São muito recentes os direitos que as mulheres conquistaram. Exemplo disso, é a participação do sexo feminino nas eleições¹¹. Foi somente em 1932, que as mulheres obtiveram o direito de votar, o que veio a ocorrer no ano seguinte.

A partir da década de 1970, o combate à violência contra a mulher começou a receber incentivos. A Organização das Nações Unidas (ONU)¹² foi uma das pioneiras no assunto. Em uma Assembleia Geral, em 1975, o órgão realizou a primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres. Depois, os anos de 1976 a 1985 foram considerados a Década da Mulher. No Brasil, a Constituição Federal de 1988¹³ foi um marco na proteção às mulheres. A Carta Magna¹⁴ determinava no Artigo 5º, I: “*Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição*”. Isso foi um início para a discussão da igualdade de gênero no país.

Em 1985, surgiu a primeira Delegacia de Defesa da Mulher do Brasil¹⁵, em São Paulo. A criação ocorreu depois que vítimas relataram que recebiam atendimento inadequado em delegacias de polícia comuns, principalmente porque eram atendidas nesses locais por homens. O objetivo dessa criação era oferecer às mulheres vítimas de violência um atendimento mais humanizado e acolhedor. Outro ponto importante na luta no combate à violência foi a implementação da Lei Maria da Penha, aprovada em 7 de agosto de 2006. Com a norma, a violência contra a

¹¹ Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2013/Abril/serie-inclusao-a-conquista-do-voto-feminino-no-brasil>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

¹² Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/mulheres/>>. Acesso em 20 dez. 2017.

¹³ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

¹⁴ Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_12.07.2016/art_5_.asp>. Acesso em: 20 dez. 2017.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/criacao-da-1-delegacia-de-defesa-da-mulher-do-pais-completa-30-anos/>>. Acesso em 20 dez. 2017.

mulher começou a abranger muitos outros aspectos além das agressões físicas e sexuais. O artigo da Lei Maria da Penha¹⁶ diz que: “para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (artigo 5 da Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006).

Mesmo com a implementação de leis e políticas públicas, dados mostram, no entanto, que a violência contra a mulher continua sendo um problema social. A cultura machista ainda se faz presente, principalmente no Brasil. O site Relógios da Violência¹⁷, uma iniciativa do Instituto Maria da Penha (IMP), contabiliza em tempo real o número de mulheres que são agredidas física ou verbalmente a cada dia. Dados mostram que a cada dois segundos uma mulher é vítima de violência no Brasil. O site ainda informa que, a cada 6,9 segundos, uma mulher é vítima de perseguição. A plataforma online também explica os diferentes tipos de violência e como podem ser feitos o combate e a prevenção.

O machismo está imbricado em nossa sociedade, de forma que algumas pessoas nem percebem que estão reproduzindo ou dando apoio a esse preconceito. Essa atitude contribui para os números alarmantes de violência que ocorrem todos os dias. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública (SSP) divulgados no Jornal NH¹⁸, de janeiro a julho de 2017, em média, 60 mulheres registraram agressões por dia no Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, a Delegacia de Polícia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM)¹⁹ contabilizou mais de 1,6 mil casos só nos dois primeiros meses de 2017.

Os registros de violência sexual no Brasil também são assustadores. Dados do Ministério da Saúde obtidos pelo jornal Folha de S.Paulo²⁰ revelam que em 2016 houve 3.526 casos de estupro coletivo no Brasil – uma média de 10 por dia. Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)²¹ em 2013

¹⁶ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em 20 dez. 2017.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br/>>. Acesso em: 15 set. 2017.

¹⁸ Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2017/08/noticias/regiao/2156048-tres-mulheres-sao-agredidas-em-novo-hamburgo-em-menos-de-13-horas.html>. Acesso em: 25 out. 2017.

¹⁹ Disponível em: <http://www.observapoa.com.br/default.php?reg=479&p_secao=17>. Acesso em: 15 set. de 2017.

²⁰ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1911346-pais-registra-10-estupros-coletivos-por-dia-notificacoes-dobram-em-5-anos.shtml>>. Acesso em: 15 set. 2017.

²¹ Disponível em: <<https://goo.gl/yToJZ2>>. Acesso em: 15 set. 2017.

revelou que 26% dos entrevistados concordam totalmente ou parcialmente com a afirmação de que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”.

De acordo com outros dados do Ipea²², no período de 2001 a 2011, estima-se que ocorreram mais de 50 mil feminicídios no Brasil. Isso equivale a 5 mil mortes por ano. A pesquisa ainda comprovou que cerca de 40% de todos os homicídios de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo. Entre os homens assassinados, a porcentagem é de apenas 6%. Isso significa que a proporção de mulheres assassinadas por parceiro é 6,6 vezes maior do que a proporção de homens assassinados por parceira.

2.2 Os motivos da Violência

Segundo pesquisa do DataSenado²³, medo do agressor, dependência financeira e preocupação com a criação dos filhos são os motivos mais relatados por mulheres que não denunciam as agressões. Isso explica porque, muitas vezes, é mais difícil para vítimas de baixa renda denunciarem seus companheiros. “Alguns estudos na literatura caracterizam as mulheres vítimas de agressão como sendo jovens, de baixa escolaridade, que trabalham em profissões não qualificadas, possuem filhas e são negras.” (COSTA, 2016, p. 29).

Costa (2016) acrescenta que a baixa escolaridade se torna um problema para as vítimas de violência.

Limita as possibilidades de escolha profissional das mesmas, além de fazer com que optem por profissões pouco valorizadas socialmente e de baixa remuneração. Tal situação converge na situação de manter a mulher dependente do homem. (COSTA, 2016, p. 81).

De acordo com Saffioti (1999), a violência doméstica apresenta características específicas, e uma delas seria a “rotinização”.

Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim determina. (SAFFIOTI, 1999, documento eletrônico).

²² Disponível em: <<https://goo.gl/9kwzDM>>. Acesso em: 19 set. 2017.

²³ Disponível em: <https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf>. Acesso em 11 out. 2017.

Esse seria um dos motivos que contribuem para que a violência doméstica ocorra: o círculo vicioso. O site Relógios da Violência explica o ciclo, que pode ser definido em quatro estágios: aumento da tensão, ato de violência, distanciamento e reconciliação. O site cita a ideia da psicóloga norte-americana Leonor Walker de que as agressões cometidas em um contexto conjugal ocorrem dentro de um ciclo que é constantemente repetido. Por esse motivo, é difícil a vítima conseguir sair da situação. Após os atos violentos, o “arrependimento” do agressor, que passa a ser carinhoso, seria um dos fatores que fazem com que a mulher desista de denunciar.

De acordo com Rocha (2007), a vítima, muitas vezes, não deseja terminar a relação, mas a situação chega a tal ponto que é a forma que a mulher encontra de se defender ou negociar:

A mulher que procura a DEAM já foi agredida diversas vezes. O recurso é uma estratégia de pressão, defesa ou negociação na guerra conjugal, visto que a mediação da família, dos vizinhos ou da comunidade não se mostrou eficaz. A vítima típica convive com uma história continuada de agressões e não deseja o rompimento da relação em que se tem dado os episódios de violência. Seu desejo é encontrar um instrumento útil às “renegociações do pacto social doméstico. (ROCHA, 2007, p. 93-94).

Segundo Strey (2004), o círculo vicioso da violência pode ter ligação com a infância. A autora explica que abusos sofridos por uma criança, sejam eles de qualquer tipo – físico, psicológico, sexual – podem acarretar em sérios danos futuros. O mesmo vale para crianças que presenciam a mãe apanhando do pai. Quando crescerem, elas podem acabar escolhendo o mesmo tipo de companheiro, já que foi o modelo masculino que tiveram na infância.

Muitas das consequências negativas de abuso na infância estão presentes nas mulheres vítimas de violência, o que pode nos levar a pensar em um círculo vicioso que integra violência sofrida na infância com violência sofrida na vida adulta. (STREY, 2004, p. 21).

Mesmo com a Lei Maria da Penha, são recorrentes os casos em que mulheres denunciam seus agressores e nada é feito. O site Relógios da Violência afirma que a cada 16,6 segundos uma mulher é vítima de ameaça com faca ou arma de fogo. As medidas protetivas – que obrigam o agressor a se distanciar da vítima – muitas vezes acabam não funcionando, porque a polícia não consegue fiscalizar o tempo todo. Além disso, não existe um número suficiente de casas de acolhimento, o que faz com que as vítimas não tenham para onde fugir.

Rocha (2007) afirma que o machismo que existe entre policiais dentro de delegacias ainda é muito grande:

Em casos de estupro, o preconceito dos policiais contra as vítimas mulheres os leva a desacreditarem as queixas, principalmente quando não há lesões corporais graves. Daí surgem duas teses: “roupa suja se lava em casa” ou “ninguém consegue abrir as pernas bem fechadas de uma mulher”. (ROCHA, 2007, p. 92).

Nesses casos, as vítimas ainda precisam responder a uma série de perguntas que pode as deixar constrangidas e envergonhadas. Essa foi uma das razões para a criação das delegacias especializadas no atendimento à mulher. Segundo o último levantamento feito pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres do governo federal, obtido por meio de Lei de Acesso à Informação²⁴, em 2016, no Brasil, havia apenas 504 DEAMs, sendo 50 no Rio Grande do Sul – uma delas em Porto Alegre. De acordo com Strey, Werba e Nora (2004), o modo como a vítima é tratada na hora de prestar a queixa é crucial para que ela desista de manter o relacionamento violento.

O atendimento especializado deveria possibilitar o reconhecimento das ações violentas que vitimam as mulheres, como crimes. O momento da queixa é uma situação limite, na qual a mulher pode ser desencorajada a romper com o relacionamento violento se não se sentir compreendida, apoiada e segura quanto ao que está por fazer. Por menos informada ou intelectualizada que ela seja, sabe muito bem, por sua experiência prática que se trata de uma decisão que provocará consequências em sua vida, significando muitas vezes um aumento da própria violência. (STREY; WERBA; NORA, 2004, p. 104).

Em 2015, a escritora gaúcha Clara Averbuck escreveu para a Carta Capital²⁵ sobre a ineficiência da Delegacia da Mulher. Ela conta que acompanhou uma amiga que foi realizar uma denúncia devido a um caso de violência que sofreu. Segundo Clara, a delegacia não abria em final de semana. A autora afirma no texto que “Nada me tira da cabeça que aquele lugar foi feito para que as mulheres desistam de fazer denúncia”. Ela ainda relata que durante o procedimento não houve nenhum tipo de privacidade, os policiais estavam sem paciência, sem nenhum tipo de tato para lidar com uma questão que é tão delicada, que é a violência contra a mulher.

²⁴ Os dados obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação foram solicitados pela autora deste trabalho.

²⁵ Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/a-ineficiencia-da-delegacia-da-mulher-1964.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.

Tornar os casos de violência contra a mulher visíveis à sociedade é uma das formas de tentar combatê-los. Por outro lado, a exposição das vítimas também é algo que inibe as denúncias. Esse é um dos dilemas do jornalismo que, por ter um forte papel social, acaba por noticiar casos de violência contra mulher até com o objetivo de denúncia. Muitas vezes, no entanto, pode-se tender ao sensacionalismo ou se expor a vítima. Além disso, como será visto no próximo capítulo, a violência, por si só, já é um tema de interesse do público e acaba tendo grande valor-notícia. Por isso, alguns casos acabam sendo bastante tratados pelos jornalistas e ganham muita visibilidade.

Um episódio²⁶ que se tornou exemplar, amplamente comentado nas redes sociais, e denunciou a situação de violência contra a mulher no Brasil foi o de uma adolescente de 16 anos que foi estuprada por mais de 30 homens em uma comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro em maio de 2016. A adolescente estava na casa de um companheiro, com quem se relacionava há três anos. No outro dia, ela acordou em outra casa, nua e dopada, com 33 homens – armados com fuzis e pistolas – que a haviam estuprado. Dois dias depois, a adolescente descobriu que tinha imagens suas circulando na internet, em que ela aparecia sem roupa e desacordada.

Outro caso²⁷ que também foi amplamente divulgado pela mídia foi o da atriz e modelo Luiza Brunet, que se tornou público em 2016, quando ela relatou ao Ministério Público que havia sido agredida mais de uma vez pelo empresário Lirio Parisotto, com quem teve um relacionamento de cinco anos. O fato de ela ser uma celebridade fez com que o tema ganhasse ainda mais força para ser noticiado e comentado nas redes sociais.

Outro exemplo que demonstra como a mídia dá importância para o tema “violência contra a mulher”, e mais ainda quando envolve celebridades (ou sub-celebridades), foi o caso que ocorreu no programa *Big Brother Brasil*, da Rede Globo. Desentendimentos de um casal dentro do programa repercutiram ao ponto de virar assunto de polícia: dois participantes protagonizaram várias brigas em rede nacional, o que resultou na expulsão de um deles, o médico Marcos Härter. Ele

²⁶ Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

²⁷ Disponível em:< <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/07/luiza-brunet-contou-ao-mp-ter-sido-agredida-mais-de-1-vez-por-empresario.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

encurralou a participante Emilly Araújo contra a parede, apontou o dedo contra seu rosto e apertou seu braço. A delegada Márcia Noeli, ao assistir ao programa – que foi transmitido em rede nacional – reconheceu o fato como violência doméstica. Muitas discussões surgiram sobre o assunto na mídia²⁸. Uma delas, sobre os tipos de violência que existem. Relacionamentos abusivos são recorrentes na vida de muitas mulheres – principalmente nas mais jovens. Pressão psicológica e chantagens são também formas de violência.

Há exemplos em que a própria vítima decide divulgar – seja para jornalistas ou em redes sociais – uma situação de violência pela qual passou. Em agosto deste ano, a escritora gaúcha Clara Averbuck relatou²⁹ ter sido violentada por um motorista do aplicativo Uber. Ela contou nas redes sociais o fato e afirmou que entrou nas "estatísticas de novo" – lembrando um episódio da adolescência, quando foi estuprada aos 13 anos por três homens em uma festa de uma escola particular. No caso do motorista do Uber, a escritora ficou em dúvida se denunciava o fato à polícia, afirmando que não queria se submeter à violência do Estado, referindo-se ao tipo de atendimento que a delegacia da mulher proporciona às vítimas de estupro.

Esse fato representa o dilema de muitas mulheres que passam por situações semelhantes e têm medo de se expor – seja pela ineficiência da Justiça ou pelo julgamento das pessoas. Quando uma pessoa pública fala sobre isso, a mídia e o jornalismo acabam abrindo discussões sobre o assunto. Dessa forma, os meios de comunicação exercem uma ação positiva, já que informam e ajudam mais mulheres a contarem seus abusos. Quando a divulgação dos fatos, no entanto, é demasiada e a linguagem utilizada é sensacionalista, o resultado pode ser negativo, pois outras mulheres podem sentir medo de serem expostas.

Agressões físicas podem deixar marcas mais visíveis, mas isso não significa que os outros tipos de violência não sejam expressivos. Manter a violência silenciada é um dos motivos que fazem com que ela continue existindo. Nesse sentido, o jornalismo assume o papel de mostrar e discutir casos de violência contra a mulher de forma consciente e responsável, sem sensacionalismo e sem expor

²⁸ Disponível em: < <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/emilly-araujo-campea-do-bbb17-deixa-delegacia-de-atendimento-a-mulher-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

²⁹ Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/clara-averbuck-estupro-escreve-para-claudia/#>>. Acesso em: 19 de set. 2017.

vítimas que não querem se identificar. Essa atitude pode contribuir para que mais mulheres denunciem e, assim, a realidade comece a mudar. No capítulo seguinte, o estudo dará continuidade a essa discussão, abordando a relação do jornalismo com a violência.

3 A RELAÇÃO DA VIOLÊNCIA COM O JORNALISMO

Neste capítulo, abordaremos a relação entre a violência e o jornalismo e os conceitos de noticiabilidade. Discutiremos as razões de os casos de violência ganharem repercussão no jornalismo. Trataremos, também, de como o telejornalismo sensacionalista apresenta matérias que envolvem violência e apresentaremos os telejornais que são objeto deste estudo.

A sensação de insegurança está muito presente em nossa sociedade. Além de informar ao público, o jornalismo tem a função social de fiscalizar os órgãos do Estado. De acordo com Ramos e Paiva (2007), os meios de comunicação poderiam ajudar a combater a impunidade nos casos de violência, cobrando atitudes mais rígidas da segurança pública.

Para isso, seriam necessárias reportagens apontando as áreas que registram maior número de ocorrências, investigações sobre os fatores que favorecem as agressões e denúncias contra os criminosos à solta e inquiridos abandonados. Seria preciso, portanto, que os jornais colocassem o tema como prioridade. (RAMOS, PAIVA, 2007, p.133).

Para Sanematsu (2011), a mídia deveria debater o tema com mais profundidade, a fim de auxiliar na diminuição deste tipo de impunidade:

A abordagem da mídia sobre investimentos públicos e seus resultados em políticas de prevenção e assistência, principalmente quando está em pauta a violência contra as mulheres, tem o potencial de promover o debate sobre as demandas sociais e as omissões e deficiências existentes. (SANEMATSU, 2011, p. 72).

É necessário que o jornalista tenha consciência de como determinada informação afetará o público e quais os benefícios que a sociedade receberá com a informação. “Dar espaço a fatos violentos é necessário desde o momento em que eles afetem o funcionamento normal das instituições. Outra coisa, radicalmente distinta, é fazer negócio com a violência.” (URE, 2008, p. 123).

É preciso refletir sobre a qualidade das notícias que são transmitidas aos telespectadores, ainda mais quando se trata de um tema delicado como a violência contra a mulher. O jornalismo, pelo alcance que possui, pode auxiliar para que esse assunto ganhe a visibilidade necessária a ponto de provocar mudanças na sociedade. O público não deve apenas se chocar com os casos de violência, mas,

sim, entender que esta é uma realidade que precisa, mais do que nunca, ser modificada.

No entanto, o primeiro passo para se compreender como o jornalismo deve tratar desse tema é refletir sobre como os acontecimentos são selecionados para ser noticiados. Para isso, é necessário compreender os conceitos de valor-notícia e de critérios de noticiabilidade.

3.1 A Violência e os Valores-notícia

Em seu trabalho, os jornalistas precisam selecionar entre muitos acontecimentos quais serão noticiados. Para isso, partem de certos critérios. Conforme Traquina (2005), os critérios de noticiabilidade estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística. Traquina (2005) cita Wolf (1987) ao falar sobre a distinção de dois tipos de valores-notícia: os de seleção e os de construção. Os valores-notícia de seleção referem-se diretamente à escolha que o jornalista faz de noticiar um acontecimento e não outro. Já os valores-notícia de construção se referem à forma como a notícia será apresentada.

Os valores-notícia de seleção se fragmentam em dois grupos: critérios substantivos e critérios contextuais. “Os critérios substantivos dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia.” (TRAQUINA, 2005, p. 78). Ou seja, são assuntos que despertam a atenção do público, como ocorre com os casos de violência. Já os critérios contextuais dizem respeito ao contexto de produção da notícia (TRAQUINA, 2005).

3.1.1 Valores-notícia de Seleção – Critérios Substantivos

Os critérios substantivos dos valores-notícia ajudam a “[...] construir a sociedade como consenso.” (TRAQUINA, 2005, p. 86). Essa ideia de consenso faz com que se crie a noção do “nosso”: nossa sociedade, nosso país, nossa polícia. E os grupos que ficam fora deste consenso acabam sendo vistos como marginais (TRAQUINA, 2005).

O crime traça uma das fronteiras principais desse consenso. O crime envolve o lado negativo do consenso, visto que a lei define o que a sociedade pensa serem tipos legítimos de ação. Sem este conhecimento

consensual de fundo, nem os jornalistas nem os leitores poderiam reconhecer o primeiro plano das notícias. (TRAQUINA, 2005, p. 86).

Uma das explicações para a morte violenta e casos significativos de brutalidade conquistarem o interesse das pessoas é pelo fato de esses acontecimentos representarem a quebra da normalidade, o que também pode ser relacionado com o valor-notícia do conflito (TRAQUINA, 2005). Todos nós sabemos que vamos morrer um dia. Entretanto, mesmo que haja todos os dias casos violentos no Brasil, morrer em razão da violência não deve ser considerado um acontecimento cotidiano. “A violência também pode representar a ruptura. Representa assim uma ruptura fundamental na ordem social. O uso da violência marca a distinção entre os que são fundamentalmente da sociedade e os que estão fora dela.” (TRAQUINA, 2005, p.85).

Segundo o autor, outro valor-notícia ligado à violência é a infração. Em nossa sociedade, o crime é recorrente, acontece todos os dias, mas nem por isso deixa de chamar a atenção. Conforme Traquina (2005), a cobertura desse crime pode assinalar a “transgressão das fronteiras normativas”.

O que confere especial atenção às ‘estórias’ de crimes é a mesma estrutura de “valores-notícia” que se aplica a outras áreas noticiosas: um crime mais violento, com maior número de vítimas, equivale a maior noticiabilidade para esse crime. Qualquer crime pode ficar com mais valor-notícia se a violência lhe estiver associada. (TRAQUINA, 2005, p. 85).

Traquina (2015) acrescenta que a notoriedade do ator principal do acontecimento também é considerada um critério de noticiabilidade – isso explica porque casos de violência contra a mulher que envolvem pessoas famosas são notícia e ganham maior repercussão. O fato de a vítima ou do agressor ser uma pessoa conhecida aumenta o interesse do público pelo acontecimento.

Outro valor-notícia citado por Traquina (2005) é a proximidade. Quando o público é informado de um caso violento que ocorreu em sua cidade, tende a se sensibilizar mais, por se tratar de algo próximo a si. O valor-notícia da relevância também se encaixa neste contexto. É quando a mídia informa o público “[...] dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas.” (TRAQUINA, 2005, p. 80).

O autor trata de outro critério substantivo que podem ser relacionado com a violência: a notabilidade, isto é, a qualidade de algo ser visível ou tangível. “O valor-

notícia notabilidade alerta-nos para a forma como o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos e não problemáticas.” (TRAQUINA, 2005, p.82). No caso da violência contra as mulheres, normalmente se dá destaque para os acontecimentos em si e não sobre a questão mais ampla da recorrente violência contra a mulher na sociedade, suas causas e consequências. O insólito também está relacionado com a notabilidade, por isso casos extremos e até grotescos envolvendo a violência contra a mulher acabam ganhando espaço no jornalismo.

Por fim, o inesperado e o escândalo também são critérios substantivos apontados pelo autor que podem ter relação com casos de violência.

3.1.2 Valores-notícia de Seleção – Critérios Contextuais

Traquina (2005) cita Wolf (1987) ao explicar que os critérios contextuais se referem ao processo de produção das notícias e não aos próprios acontecimentos. Dentro deste subgrupo, um dos valores-notícia que nos interessam ao tratar de violência é a concorrência. Como já foi referido, casos que tratam de violência chamam a atenção do público. “Os jornalistas e as empresas jornalísticas procuram uma situação em que têm o que a concorrência não tem – é uma situação que tem o furo, ou a exclusividade.” (TRAQUINA, 2005, p. 89). Além disso, um veículo sempre levará em consideração que um acontecimento que envolva violência, por chamar a atenção do público, terá grande possibilidade de ser apresentado por seu concorrente. Por esse motivo, o veículo não vai querer ser “furado” pela concorrência e também selecionará aquele acontecimento para transformá-lo em notícia. Evidentemente que as características editoriais de cada veículo serão determinantes na forma como o acontecimento será tratado (TRAQUINA, 2005).

Outro valor-notícia deste subgrupo que pode ser relacionado diretamente com as reportagens de televisão que tratam de violência é a visualidade. Quando se trata de jornalismo televisivo, este acaba sendo um fator de noticiabilidade fundamental (TRAQUINA, 2005).

Traquina (2005, p. 89) cita Gans (1979) ao dizer que “A existência de boas imagens, de bom material visual, pode ser determinante na seleção desse acontecimento como notícia. Esse fator de noticiabilidade ajuda a explicar a maior presença de notícias sobre desastres no jornalismo televisivo.”

3.1.3 Valores-notícia de Construção

Os valores-notícia de construção são “[...] os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia.” (TRAQUINA, 2005, p. 91). Ou seja, têm relação com o modo como a notícia é construída de forma a chamar mais atenção do público. Como são relacionados com o formato de apresentação da notícia, esses critérios são perceptíveis nos telejornais sensacionalistas.

Dentro deste grupo, um dos valores-notícia é a simplificação. Esse recurso é bastante utilizado em matérias que tratam de violência. Isso acontece, por exemplo, quando o telejornal trata o bandido como sendo do mal e a polícia, do bem. Segundo Traquina (2005), a simplificação faz com que o público não enxergue o contexto social que pode estar por de trás do acontecimento.

Outro critério de noticiabilidade citado pelo autor é a amplificação. Alguns telejornais sensacionalistas ficam cerca de meia hora em uma mesma matéria e, ainda, às vezes retomam o assunto em um próximo programa, especialmente quando é uma matéria trágica que trata de violência. Esse recurso faz com que a reportagem seja ampliada em sua importância e se estenda por mais tempo do que o necessário.

A relevância também é um valor-notícia citado por Traquina (2005). Quanto mais sentido uma notícia tem para o telespectador, mais interesse ele terá por ela. A violência quando é noticiada faz com que muitos telespectadores se identifiquem com o fato, já que aquele caso poderia ter acontecido com qualquer pessoa. Por isso, o acontecimento passa a ser mais relevante para o telespectador.

Traquina (2005) ainda aponta a personalização como valor-notícia. Ao transmitir uma reportagem que trata de violência, os programas muitas vezes trazem o problema como um caso isolado, valorizando as pessoas envolvidas, e não contextualizando a notícia. A consonância é outro valor-notícia de construção lembrado pelo autor. “Quanto mais a notícia insere o acontecimento numa narrativa já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada.” (TRAQUINA, 2005, p. 93). Nas matérias sobre violência nos telejornais sensacionalistas, as narrativas são construídas dentro de uma lógica já reconhecida do público.

E, por fim, Traquina (2005) cita a dramatização. Esse recurso é bastante visto em telejornais sensacionalistas que utilizam trilhas sonoras e imagens

chocantes para chamar a atenção do público. “Por dramatização entendemos o reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual.” (TRAQUINA, 2005, p. 92).

É também, portanto, a forma como a notícia é tratada que fará com que o telespectador se interesse mais por ela ou não, e também que irá ajudar a definir com qual telespectador se está falando. Segundo Alsina (2009, p. 95), “As notícias ajudam a construir a sociedade como se fosse um fenômeno social compartilhado, já que no processo de descrição de um fato relevante, a notícia o define como tal e lhe dá a forma necessária”. Em casos de violência, o enquadramento dado ao fato colabora para que o público crie interesse pelo assunto, ainda mais quando se trata de mortes. “A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão.” (TRAQUINA, 2005, p.79).

O jornalismo tem o papel social de informar por meio da verdade e da objetividade. Por isso, o cuidado com a linguagem utilizada nas matérias é essencial. Em reportagens que tratam de violência contra a mulher, se a linguagem não for utilizada de forma adequada, ela pode reproduzir preconceitos, o que já ocorre em nosso dia a dia sem que possamos perceber.

Na sociedade machista em que ainda vivemos, a culpabilização da vítima é recorrente. Um exemplo de reportagem que recebeu muitas críticas por ter tratado o tema de forma preconceituosa e sensacionalista foi a intitulada *Jovem que teve as mãos decepadas responde a questionamentos feitos por internautas*¹, publicada pelos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho, do grupo RBS, em agosto de 2015. A matéria utilizou perguntas do público que foram feitas em comentários nas publicações sobre o caso para entrevistar a vítima. O problema é que, como já era de se esperar, muitas dessas perguntas eram machistas e culpavam a vítima. A notícia tratava de uma jovem, de 22 anos, que havia sido atacada a golpes de falcão pelo então companheiro. A vítima teve as duas mãos, o pé esquerdo e parte do direito decepados. Os pés foram reimplantados. Ainda se recuperando do ato

¹ Disponível em: <<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2015/08/jovem-que-teve-as-maos-decepadas-responde-a-questionamentos-feitos-por-internautas-4825920.html>>. Acesso em 3 dez. 2017.

violento que sofreu de alguém em quem confiava, ela precisou responder a questões do tipo: “O que você fez pra ele perder a cabeça?”. Esse tipo de pergunta evidencia como a sociedade ainda culpa a mulher pela violência que o sexo feminino sofre. Casos como esses, que são extremamente sérios, não podem ser tratados pelos jornalistas a partir de uma enquete popular, na qual as pessoas sugerem qualquer pergunta que vem a cabeça. É necessário que haja uma contextualização do tema e uma discussão problematizando o porquê de a violência contra a mulher ainda ser tão grande.

Se exemplos como esse podem ser encontrados no jornalismo impresso, que possui uma temporalidade de produção teoricamente maior, na televisão as possibilidades de equívocos de linguagem na elaboração de notícias que envolvem violência são ainda maiores. Além disso, como foi citado, a possibilidade do uso da imagem e do som em casos de violência potencializam as possibilidades de envolvimento do telespectador.

3.2 A violência retratada pelo telejornalismo

Mesmo em meio a novas tecnologias, a televisão ainda tem um papel importante na vida de muitos brasileiros. Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios² de 2014, 97,1% de lares brasileiros têm televisão. Ou seja, pessoas ainda se informam por meio da tevê, mesmo aquelas que vivem em vulnerabilidade social.

A televisão faz parte da cultura das pessoas. Conforme Rincón (2002), a maioria dos telespectadores não consegue ficar um dia longe do aparelho, já que a tevê integra muitas das ações diárias como a realização de refeições, a distração antes de dormir e o combate ao tédio. “A televisão é uma dessas instituições produtoras de sentido.” (RINCÓN, 2002, p. 17).

A televisão gera as experiências, os saberes e os sonhos que fazem parte dos referenciais mais comuns que nós temos como nação e sociedade; portanto, constitui o espelho social que reflete a cultura que a produz, as identidades frágeis que nos habitam, as estéticas do popular de massa e dos consensos efêmeros, com os quais construímos o sentido para a vida

² Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

de todos os dias. (...) A televisão tem uma comunicabilidade assim forte, evidente e generalizada, porque o seu discurso é afetivo, prazeroso, terno, divertido, cotidiano e narrativo. (RINCÓN, 2002, p. 17).

Os setores populares da sociedade “[...] estão interessados nos esportes, nos espetáculos, nas crônicas policiais, nos casos e nas situações humanas com as quais se identificam.” (FERNÁNDEZ, 2002, p. 187). Isso explica porque telejornais sensacionalistas – que serão discutidos mais adiante – conquistam o público das classes C, D e E.

Conforme Porcello (2008), são características da televisão o imediatismo e a rapidez com que o meio transmite a mensagem. Nesse sentido, quando um acontecimento que envolve violência ocorre, é comum que os telejornais, principalmente os sensacionalistas, queiram se antecipar à concorrência – como já foi citado – e noticiar o fato o mais rápido possível.

Pela própria natureza desse veículo, e com os recursos tecnológicos que permitem uma crescente aceleração, os processos de produção de notícias, e o tempo de apuração dos fatos e de reflexão sobre o que será dito e mostrado são aspectos quase desprezados pela produção dos noticiários. Parece que o importante é noticiar primeiro, sem questionar o conteúdo e a veracidade da informação. (PORCELLO, 2008, p. 69-70).

Conforme Gadret (2016), um aspecto importante do telejornalismo é a emoção. A televisão consegue transmitir ao mesmo tempo imagens e sons, sendo um meio que tem o poder de sensibilizar o público. Segundo Gadret (2016), os jornalistas consideram a emoção um aspecto relevante na profissão, já que esse sentimento faz parte da vida das pessoas. Casos de violência despertam a atenção do público porque, muitas vezes, os telespectadores acabam se colocando no papel da vítima, o que gera, até mesmo, um sentimento de empatia. A autora ressalta que é importante entender como a emoção pode ser uma estratégia discursiva utilizada pelos jornalistas para adquirir audiência:

Os profissionais consideram as emoções fundamentais ao jornalismo, pois fazem parte do cotidiano das pessoas; as percebem como intrínsecas à televisão devido à visualidade e à forma de consumo pelo público; e as veem como relevantes à narrativa, na medida em que atraem esse mesmo público. Os jornalistas justificam sua presença como uma consequência da transformação da sociedade moderna em direção a uma cultura emocional, na qual há expectativa de demonstração pública dos sentimentos. No entanto, essa questão é percebida como um excesso que exige uma atitude ética do profissional. Ao mesmo tempo, resistem em relacionar a presença da emoção nas notícias às mudanças das condições de produção

jornalística, como o aumento da competição e a diminuição dos índices de audiência. (GADRET, 2016, p. 49).

Por outro lado, Veiga (2000, p. 56) explica que o telejornal pode provocar um constrangimento no telespectador quando ele observa “[...] cenas que vão de encontro ao que ele imagina como o mundo ideal e que todos gostariam que existisse.”

A imagem da violência social pode, quando aciona o modo repressor, provocar um “desligamento” do mundo, um fechar de olhos, quase igual ao que naturalmente fazemos ao deparar com mendigos sofredores de alguma anomalia, nas ruas da cidade. Os olhos se fecham a uma realidade que cobra atitudes e, por isso mesmo, constrange, inabilita, rende-se à comodidade. Em frente à TV, o espectador pode sublimar por meio do balançar de cabeça, ou da indignação contra o canal de televisão, ou do silenciamento, do tornar-se inerte diante de fatos que não podem ser mudados. (VEIGA, 2000, p.56).

As notícias da televisão, por terem como base, muitas vezes, o imediatismo, tendem a não aprofundar o assunto, principalmente quando tratam de violência. Chauí (2006) afirma que a maioria dos noticiários de rádio e TV gera desinformação.

Ausência de referência temporal ou acronia: os acontecimentos são relatados como se não tivessem causas passadas nem efeitos futuros; surgem como pontos puramente atuais ou presentes, sem continuidade no tempo, sem origem e sem consequências; existem enquanto objetos de transmissão e deixam de existir se não transmitidos. Têm a existência de um espetáculo e só permanecem na consciência dos ouvintes e espectadores enquanto permanece o espetáculo de sua transmissão. (CHAUI, 2006, p. 46).

Essa falta de aprofundamento nas reportagens, além de gerar desinformação ao público, resulta em um problema social ainda maior, como, por exemplo, incentivando a sensação de insegurança nos cidadãos. De acordo com Chauí (2006), nos últimos tempos, os noticiários passam a falar mais sobre crimes, como se esse fato tivesse surgido do nada.

A população passou a sentir-se ameaçada e amedrontada porque passou a receber uma verdadeira enxurrada de notícias sobre esses assuntos, embora os crimes já ocorressem de longa data e tivessem aumentado havia muito tempo. Todavia, nenhum noticiário estabeleceu qualquer relação entre a criminalidade e suas causas possíveis, tais como o problema do crime organizado e dos crimes de colarinho branco, os problemas postos pela economia (desemprego, exclusão social, desabrigo, fome, miséria etc.) e suas consequências sociais (desigualdade social, injustiça, corrupção dos aparelhos policiais e judiciários etc). Nenhuma informação real foi transmitida à sociedade, a não ser a ideia de que criaturas más e perversas,

saídas de parte nenhuma, haviam se posto, sem outro motivo a não ser a pura maldade, a ameaçar a vida e os bens de cidadãos honestos e desprotegidos. (CHAUI, 2006, p. 47).

No discurso das reportagens televisivas, as mulheres vítimas de violência, muitas vezes, ainda são representadas por conceitos machistas. Goffman (2002) analisa e classifica essa representação.

Toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre esses alguma influência. Será conveniente denominar de fachada a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 2002, p. 29).

A falta de vozes femininas nos programas jornalísticos de televisão ainda é uma realidade bastante presente. Os três telejornais citados neste trabalho – *Brasil Urgente*, *Cidade Alerta* e *Balanço Geral* – são apresentados por homens. Goffman (2002, p. 25) afirma que o ator “[...] pode estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade”. Isso faz com que os apresentadores convençam o público de que a história é exatamente como está sendo contada por eles. Se a fala desses apresentadores for machista, esse conceito, de certa forma, estará sendo propagado por meio das reportagens. Desta forma, mesmo o telejornal falando sobre violência contra mulher, um tema bastante relevante, a forma como abordará poderá ser prejudicial quanto a problematização desse tipo de violência.

A televisão, por ter um alcance abrangente e ainda ser um meio bastante presente na vida das pessoas, tem um papel social de grande importância. A violência faz parte da nossa sociedade e das notícias transmitidas nos telejornais. Problematizar o modo como elas são abordadas é importante para que o assunto não seja banalizado. As reportagens não podem ser um meio de fazer as pessoas se sentirem inseguras e com medo, mas precisam, acima de tudo, informar sobre o contexto em que os casos violentos estão inseridos.

No próximo capítulo, vamos falar sobre as características dos telejornais sensacionalistas e como esses retratam os casos de violência.

4 TELEJORNALISMO E SENSACIONALISMO

Alguns telejornais podem ser considerados sensacionalistas ou popularescos. Com o objetivo de manter a audiência, transformam as notícias em espetáculos. No livro *A Sociedade do Espetáculo*, Guy Debord (1997) defende que a vida se tornou o próprio espetáculo. Segundo o autor, as pessoas buscam tragédias da vida real como forma de divertimento.

A tão evidente perda de qualidade, em todos os níveis, dos objetos que a linguagem espetacular utiliza e das atitudes que ela ordena apenas traduz o caráter fundamental da produção real que afasta a realidade: sob todos os pontos de vista, a forma-mercadoria é a igualdade confrontada consigo mesma, a categoria do quantitativo. Ela desenvolve o quantitativo e só pode se desenvolver nele. (DEBORD, 1997 p. 28).

Telejornais como *Balanço Geral* e *Cidade Alerta*, da Rede Record, e *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, têm uma linguagem popular com o objetivo de focar nas classes C, D e E. São programas que utilizam a opinião do apresentador, muitas vezes com linguagem chula e gritos, como uma ferramenta para atrair o público.

No telejornal sensacionalista, a figura do apresentador é potencializada, havendo espaço para opinião, gestos e bordões característicos. Além disso, os repórteres também utilizam uma linguagem coloquial, próxima dos telespectadores para os quais o programa é direcionado.

Outra característica da linguagem do telejornal sensacionalista é a repetição para a fixação de algum sentido. Isso fica em evidência quando mostram as mesmas imagens violentas várias vezes, apelando para que o telespectador se sensibilize com a tragédia.

Hoje em dia a informação televisiva é essencialmente um divertimento, um espetáculo. Que ela se nutre fundamentalmente de sangue, de violência e de morte. E isto mais ainda devido à concorrência desenfreada entre as emissoras que obrigam os jornalistas a buscar o sensacional a qualquer preço, a querer ser, cada um deles, o primeiro no local e a enviar de lá imagens fortes. (RAMONET, 1999, pag. 101-102).

Debord (1997, p. 17) afirma que “O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo. O espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente.” O autor defende a ideia de que vivemos em uma sociedade onde o capitalismo, ou seja, os grandes monopólios da comunicação, deixa a qualidade de lado para espetacularizar as notícias.

Veiga (2000) também fala em “espetáculo” ao se referir às narrativas dos telejornais.

As notícias que chegam ao telespectador diariamente por meio dos telejornais não são resultantes do fato originário, mas sim de informações veiculadas conforme as modalidades particulares do tratamento da notícia adotada pelo telejornal, levando em consideração o código técnico, ou capacidade tecnológica, e o ponto de vista ideológico da emissora. O primeiro vai depender das fusões, apropriações e investimentos de que as emissoras dispõem, e estes se entrelaçam com o ponto de vista ideológico, à medida que a estrutura de poder depende do tratamento oferecido pela mídia. (VEIGA, 2000, p. 29).

Em 13 de outubro de 2008, quando a televisão¹ começou a noticiar que um jovem inconformado com o fim do relacionamento estava sequestrando a ex-namorada e sua amiga, ninguém imaginava que a história se arrastaria por quase 100 horas. Por volta das 13h, Lindemberg Alves Fernandes invadiu a casa de Eloá Cristina Pimentel, sua ex-companheira, e a fez de refém. À medida que o tempo foi passando, mais repercussão o caso teve, a ponto de se tornar um grande “espetáculo” em todas as emissoras de televisão. A história terminou com um final trágico: Eloá morreu com um tiro na cabeça e outro na virilha, e sua amiga Nayara Rodrigues da Silva foi atingida no rosto, mas sobreviveu.

A mídia recebeu críticas pelo tipo de cobertura jornalística que fez. Os meios de comunicação produziram reportagens que espetacularizavam o sequestro, como a jornalista Sônia Abrão. Na época, a apresentadora do programa *A Tarde é Sua*, da emissora Rede TV, entrevistou o sequestrador ao vivo e tentou negociar sua rendição. Uma das principais críticas é de que Sônia teria se colocado no papel da polícia. Ela tentou convencer Lindemberg a terminar com o sequestro, mas não tinha preparo técnico nenhum para isso e, ainda, fez essa ação ao vivo. Em entrevista ao Observatório da Imprensa², Rodrigo Pimentel, capitão reformado da Polícia Militar do Rio de Janeiro e comentarista de TV, afirmou que a apresentadora “Não queria apaziguar nada. Ela queria um furo de notícia. Ela queria conversar com o bandido da vez, que chamava a atenção de todo o país.”

¹ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-eloa/a-historia.htm>>. Acesso em 24 nov. 2017.

² Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-imprensa-no-banco-dos-reus/http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-imprensa-no-banco-dos-reus/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

Eloá foi mais uma vítima de violência de um homem que não aceitou o fim do relacionamento e tirou sua vida por isso. Mas a jovem também foi vítima da mídia e especialmente do jornalismo. As emissoras não aprofundaram o assunto como deveriam ter feito. Não exploraram o fato de estar ocorrendo violência contra a mulher por meio do machismo que está imbricado em nossa sociedade. Toda a história se transformou em um grande espetáculo humano. As pessoas não olhavam o sequestrador como um criminoso, mas como um personagem da representação. Conforme Debord (1997, p.13), “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.”

Como vimos anteriormente, notícias que retratam a violência chamam a atenção do público. Isso faz com que, muitas empresas de comunicação explorem essas histórias a fim de “conquistar” audiência.

De acordo com Patias (2006), alguns telejornais tradicionais até tendem, algumas vezes, para o sensacionalismo. O autor descreve algumas características de um telejornal fiel ao gênero popularesco.

O gênero, no seu estilo e forma, tende a explorar o extraordinário, o anormal, o *fait divers*, utilizando-se da linguagem do espetáculo e de imagens chocantes que prendem a atenção do público, criando grande expectativa, mas perde o seu impacto inicial logo que a história é mostrada e consumida pelo telespectador. O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. (PATIAS, 2006, p. 81).

Além de o jornalismo sensacionalista envolver várias questões problemáticas, os telejornais que utilizam essa linguagem deixam de dar espaço para discussões mais aprofundadas e que poderiam conscientizar um número maior de pessoas sobre importantes questões sociais, como é o caso da violência contra a mulher. Segundo Patias (2006), as pessoas que se interessam por telejornais desse gênero são fisgadas por um instinto inconsciente de que aquele tipo de informação, veiculada daquela forma, acaba causando.

O crescente interesse da televisão por episódios que contém um certo grau de violência ou tragédias humanas, salvo raras exceções, é caracterizado mais pelo espetáculo do que pela busca de soluções. Nos telejornais sensacionalistas, os debates mais sérios realizados por pessoas e instituições que combatem a violência são praticamente ignorados. Além disso, intensifica-se a fusão entre aquilo que é noticiado e os bens de consumo apresentados nas publicidades que financiam a produção.

Emissoras se valem de uma concessão pública para transformar a violência em espetáculo, quando deveriam propor um debate mais aprofundado sobre o assunto e ajudar a sociedade a encontrar soluções. (PATIAS, 2006, p. 86).

O autor aborda o fato de que não é porque existe a liberdade de expressão que os canais de comunicação podem exibir o que bem entendem sem se preocuparem com a questão social. Esse tipo de telejornal, quando aborda a violência, ao invés de afastar o medo das pessoas, o incentiva, “[...] exercendo um poder de violência simbólica.” (SANDANO, 2006, p.64).

Não se pode negar que, mesmo sendo sensacionalista, esses telejornais estão passando alguma informação. Na busca pela audiência, diante de tanta concorrência – já que, atualmente, com as novas tecnologias, o campo da comunicação ficou mais competitivo –, até instituições mais conceituadas acabam apelando a esse gênero, mesmo que não seja recorrente:

As sinergias dos aglomerados de mídia comprometem a independência da produção, e a concorrência no campo jornalístico amplia-se de tal modo que mesmo as instituições mais conceituadas alteram suas práticas em nome de uma eficiência técnica e econômica, espetacularizando a notícia e deteriorando a legitimidade adquirida. (SANDANO, 2006, p. 67).

Outro recurso utilizado pelos telejornais sensacionalistas são as trilhas sonoras. Músicas dramáticas ou de suspense criam um clímax para o enredo de histórias tristes que são contadas, principalmente nas reportagens que tratam de violência. O problema de utilizar esses recursos é que, muitas vezes, eles se sobrepõem à informação ao invés de potencializá-la. O foco de uma notícia precisa ser justamente o conteúdo que está sendo noticiado. Qualquer elemento que tire o foco da informação prejudica o telespectador. A trilha sonora acaba por dramatizar a notícia, que fica carregada de uma emoção exagerada.

Os telejornais sensacionalistas tratam de temas socialmente importantes, mas a forma como são construídas as notícias precisa ser problematizada. Os jornalistas estão tratando da vida de pessoas. O respeito com a vítima, com a família da vítima e, até mesmo, com o possível criminoso precisa prevalecer. O que acontece nesse tipo de abordagem é que, potencializando a figura do apresentador, repetindo imagens fortes várias vezes, utilizando uma linguagem coloquial e trilhas sonoras dramáticas, a emoção e os sentimentos que se relacionam com o fato noticiado acabam se sobrepondo à informação.

4.1 Telejornais sensacionalistas

Como já foi citado, alguns telejornais brasileiros podem ser caracterizados como sensacionalistas. Eles exploram imagens apelativas repetidas vezes, utilizam trilhas sonoras dramáticas e tentam sensibilizar o público por meio da espetacularização da notícia. Exemplos desse tipo de programa são o *Balanço Geral* e *Cidade Alerta*, da Rede Record, e o telejornal *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, que são objeto de estudo desta pesquisa e serão a seguir apresentados.

4.1.1 *Balanço Geral*

O telejornal *Balanço Geral* surgiu em 1985 na TV Itapoan, (uma das emissoras próprias da Record) em Salvador, na Bahia. Mas foi somente em 2005 que o telejornal ganhou o âmbito nacional e começou a fazer parte de outras emissoras regionais que fazem parte do grupo Record. No Rio Grande do Sul, o *Balanço Geral RS* foi inaugurado em 3 de julho de 2007, quando o jornalista Alexandre Mota veio de São Paulo para a capital gaúcha.

O telejornal *Balanço Geral* é transmitido de segunda a sexta-feira e tem duas edições diárias. O *Balanço Geral Manhã*, que vai ao ar às 6h, tem uma hora e meia de duração e abrangência nacional; e o *Balanço Geral* regional, que começa ao meio-dia e tem três horas de duração. Voltado ao público das classes C, D e E, esses telejornais misturam informação com entretenimento. Segundo o Portal R7 da Rede Record, em 18 de setembro, o *Balanço Geral Manhã*³ ficou na vice-liderança da audiência.

As matérias seguem um formato jornalístico, mas elas não têm um tempo limite para serem apresentadas. Entre uma reportagem e outra, o apresentador emite sua opinião, que, normalmente, é de indignação. Os comentários opinativos que o jornalista faz têm características sensacionalistas como forma de tentar conquistar o público. Uma mesma imagem de violência é mostrada mais de uma

³ Disponível em: <<https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/balanco-geral-garante-vice-lideranca-na-audiencia-18092017>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

vez. Além disso, o programa utiliza trilhas sonoras dramáticas para tentar gerar emoções nos telespectadores.

Segundo Finger (2010), o programa não tem uma preocupação com os direitos humanos. Todos os acusados de algum ato ilegal são considerados culpados, sem antes mesmo terem passado pela Justiça.

As informações do dia-a-dia, no *Balanço Geral*, são superficiais e descrevem em detalhes, com recursos sensacionalistas e apelativos, casos individuais. As estatísticas sobre criminalidade não são explicadas, o que poderia servir de alerta à população, no sentido de tomar alguma precaução, ou despertar o debate sobre o planejamento de políticas públicas. A maior parte dos comentários demonstra um total desconhecimento sobre a legislação. Acusados, suspeitos, investigados, indiciados e até réus são apresentados como traficantes, assaltantes, ladrões e assassinos. O tratamento e a exposição, é claro, ficam mais severos quanto mais pobres forem os implicados. As polícias são a principal fonte de informação das reportagens: prisões, apreensões, apresentação de criminosos. Não há contrapontos de outras forças da sociedade, e esta ausência de fontes diversificadas gera uma cobertura em que os direitos humanos, por exemplo, são temas pouco frequentes. (FINGER, 2010, p. 9).

O *Balanço Geral Manhã* é apresentado pelo jornalista Luiz Bacci, que já passou pelas emissoras SBT e Bandeirantes. Bacci também já fez participações como apresentador de programas de auditório. O *Balanço Geral RS* tem como âncora o jornalista Alexandre Mota. O apresentador é muitas vezes irônico e debochado. Em uma ocasião⁴, o jornalista fingiu que estava chorando porque um bandido havia morrido após levar um tiro da polícia. Após encenar o choro, que tinha como fundo uma trilha melodramática, Mota comemorou a morte do criminoso e gritou: “Sabe o que eu desejo para o outro bandido que está internado? Que morra!”. Em outra edição⁵ do telejornal, Mota derrubou a bancada e começou a xingar com palavrões o prefeito de Alvorada, porque um paciente que já estava morto há 10 anos tinha, finalmente, recebido a ligação para o agendamento da consulta médica.

Os apresentadores do *Balanço Geral* defendem a ideia de “justiça com as próprias mãos” e desvalorizam a atuação do Estado. Contudo, não podemos negar que um telejornal como o *Balanço Geral* aborda assuntos de relevância para a comunidade local e bairros menos favorecidos ao tratar de falta de saúde, aumento da violência e problemas nos serviços públicos de modo geral.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-dnBX5gRQJ4>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YA3GCqd6euE>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

O programa *Balanço Geral* nacionalmente tem um formato que possibilita o atendimento de demandas sociais apresentadas pelo público. Em pesquisa de campo realizada em abril de 2017, conhecemos a TV Itapoan, a RercordTV Bahia e acompanhamos a apresentação ao vivo do principal programa da casa. No hall de entrada, telespectadores buscavam contato com a produção em busca da resolução de problemas pessoais e de visibilidade para seus temas. (AIRES; SANTOS, 2017, p. 152).

Dessa forma, o telejornal acaba sendo uma fonte de informação e expressão das pessoas de baixa renda.

4.1.2 Cidade Alerta

O telejornal *Cidade Alerta* é um programa da Rede Record de âmbito nacional, que tem uma hora e meia de duração, sendo exibido de segunda a sexta-feira, às 16h45min, e no sábado, às 17h20min. A primeira fase do telejornal foi transmitida de 1995 a 2005. Depois, o programa ficou cerca de seis anos fora da grade da emissora, até que em 20 de junho de 2011⁶ ele voltou a ser exibido com a apresentação de José Luiz Datena. O jornalista não ficou nem dois meses no comando do programa e pediu demissão. Em setembro de 2011, o *Cidade Alerta* saiu novamente da programação e retornou em 4 de junho de 2012, com a apresentação de Marcelo Rezende. Em maio de 2017, Rezende foi afastado para tratar um câncer e o jornalista Luiz Bacci assumiu como interino. Em setembro do mesmo ano⁷, Rezende faleceu, e Bacci assumiu em definitivo. Rezende ficou conhecido pelos bordões “Corta pra mim” e “Põe no Cidade”.

Segundo o Portal R7 da Rede Record, em 16 de agosto o telejornal *Cidade Alerta*⁸ foi o vice-líder isolado na audiência. Os assuntos principais tratados no telejornal são violência e falta de segurança pública no Brasil. O programa traz histórias de assassinatos, estupros e diversos tipos de crimes. As matérias não têm um tempo definido, ou seja, muitas vezes, o apresentador passa cerca de meia hora discutindo a mesma reportagem.

⁶ Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=116&Numero=263&Caderno=5&Noticia=307173>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁷ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/leia-a-nota-oficial-da-record-tv-sobre-marcelo-rezende-16092017>>. Acesso em: 20 dez 2017.

⁸ Disponível em: <<https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/cidade-alerta-rio-alcanca-11-pontos-de-media-e-tem-a-melhor-audiencia-desde-a-mudanca-de-grade-17082017>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

Usando uma linguagem popular e assumindo, em muitos casos, o papel de defensor do cidadão, o noticiário investe em formas de envolver o ouvinte, seja pelo lado cômico, encarnado principalmente por Rezende ou pelo trágico, acentuando nas reportagens, a partir de recursos melodramáticos, os dramas de pessoas ordinárias. Entre os recursos melodramáticos empregados, destacamos o uso da trilha sonora de suspense ou drama, a marcação na narrativa dos papéis do bandido e da vítima, a oposição entre o bem e o mal, além da exacerbação das emoções. (SOUZA, 2014, p.2).

A questão do “bem e do mal” é um recurso de simplificação, como indica Traquina (2005), que atrai a atenção do telespectador. Essa diferenciação é comum em narrativas de ficção, como novelas e outros programas de entretenimento. Além disso, o telejornal apresenta entrevistas longas com mulheres vítimas de violência, por exemplo. Nestas reportagens, são exibidas mais de uma vez as mesmas imagens de machucados e agressões que essas mulheres sofreram. O recurso da repetição de imagens é bastante utilizado para criar apelo. O apresentador costuma salientar que são “imagens exclusivas” quando mostra o local onde foi encontrado um corpo ou a cena de um crime. Ao entrevistar os parentes de uma vítima que morreu, as perguntas são sensacionalistas e tendem a explorar o sofrimento como forma de atrair os telespectadores. Em uma reportagem⁹ de novembro de 2017, a repórter do *Cidade Alerta* entrevistou a mãe de uma jovem de 15 anos que havia desaparecido. A mulher chorava muito na entrevista e chegou a desmaiar. As câmeras, além de filmarem esse fato, utilizaram as imagens como um meio apelativo de espetacularizar a notícia.

O telejornal também trata de temas que são importantes para os telespectadores de classes C e D. O formato jornalístico utilizado, no entanto, é o mesmo do *Balanço Geral*, ou seja, sensacionalista.

4.1.3 *Brasil Urgente*

No ar desde 3 de dezembro de 2001, o telejornal *Brasil Urgente* é exibido de segunda-feira a sábado, às 16h. O programa de âmbito nacional tem 3h20min de duração e é apresentado pelo jornalista José Luiz Datena¹⁰. A linguagem coloquial e opinativa é uma das características desse telejornal. Datena é conhecido pelo seu

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JK8ZIBUG62Q>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

¹⁰ Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/apresentador/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

temperamento explosivo: demonstra sua indignação com os assuntos abordados nas matérias. O programa tem uma interação com o público por meio de enquetes, telefone e e-mails.

Caracterizado pelo jornalismo ágil e popular, com um estilo próprio de apresentar e comentar as notícias, Datena acabou virando referência. O programa procura dar prioridade aos temas locais e está muito próximo do cidadão e seus problemas, com assuntos como segurança, saúde, trabalho e comportamento. A entonação, a música fúnebre e o suspense evocam o fator imaginação, também presente nesta mídia. (PATIAS, 2005, p. 58).

Por meio da espetacularização das notícias, o apresentador utiliza uma performance para tentar conquistar o público. Em uma ocasião¹¹, Datena teve polêmica participação em uma ação policial realizada em São Paulo. O apresentador conversou com o sequestrador e negociou a liberação de duas mulheres, que eram mantidas reféns. Após negociar o fim do sequestro, o jornalista abandonou o telejornal ao vivo, afirmando que “não teria mais condições de fazer o programa”. Como no caso de Sônia Abrão com o namorado de Eloá, Datena tentou se colocar no lugar da polícia. Um jornalista não tem a preparação adequada, nem o papel social de negociar com um sequestrador, podendo colocar em risco a vida das vítimas. Depois do ocorrido, Datena afirmou¹²: “Eu não ouço bandido que faz refém, marginal e tal, mas percebi que ele era um cara de bem que poderia libertar a família dele.”

Uma das características presentes no *Brasil Urgente* é a liberdade que o apresentador tem em relação aos seus comentários. Muitas vezes, ele passa muito tempo discutindo uma mesma matéria. Mesmo o fato ganhando tanto espaço dentro do telejornal, a discussão não é construtiva e não mostra os problemas e contexto do fato. O apresentador ao fazer comentários raivosos tende a despertar o sentimento de revolta nos telespectadores, que podem sentir desprezo pelos “culpados” pela violência – agressores, bandidos ou governo, pela falta de providências.

Tendo apresentado os telejornais que são objeto de estudo desta pesquisa, no próximo capítulo, abordaremos os procedimentos metodológicos e os conceitos

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7KPCBwumnXg>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tJhSRDiljxM&t=46s>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

de grupo focal e de análise do discurso que foram utilizados para alcançarmos o objetivo deste trabalho.

5 METODOLOGIA: ENCONTRANDO OS SENTIDOS

Este estudo se utiliza primeiramente do grupo focal como ferramenta para realização de uma pesquisa com abordagem qualitativa. Pretendemos aprofundar a temática da violência contra a mulher que vive em vulnerabilidade social e problematizar as matérias de televisão dos telejornais sensacionalistas que tratam desse assunto. Para isso, o grupo foi formado dentro da Ocupação Mirabal – que será posteriormente apresentada –, em Porto Alegre, onde moram mulheres que sofreram violência e que vivem em vulnerabilidade social. Nosso objetivo era, através do grupo focal, descobrir se elas se sentem representadas nas matérias apresentadas nesses telejornais sobre violência contra mulheres e por quais razões. Além disso, objetivávamos também compreender quais sentidos sobre esse tema

eram percebidos por essas mulheres nos telejornais. Para isso, utilizamos a metodologia da Análise do Discurso para analisar suas respostas no grupo focal.

Gómez (2000, p. 83, tradução nossa) classifica a pesquisa qualitativa como um “[...] processo de indagação de um objeto ao qual o pesquisador acessa através de interpretações sucessivas com a ajuda de instrumentos e técnicas que lhe permitem se envolver com o objeto para interpretá-lo da maneira mais integral possível”. Ao contrário da pesquisa quantitativa, que busca verificar dados, a pesquisa qualitativa busca entender determinada situação.

O tema violência contra a mulher faz parte de um contexto social maior, pois, como vimos, a sociedade tratou por muito tempo as agressões que as mulheres sofriam como algo normal. Compreender como as mulheres de classes baixas enxergam as matérias que tratam desse assunto é essencial para problematizar o tipo de jornalismo televisivo que é feito atualmente nos telejornais sensacionalistas, direcionados justamente para os públicos de classes C, D e E.

O grupo focal é utilizado quando, conforme Moya e Raigada (1998), o grupo tem uma maior capacidade de produção do que o indivíduo. No caso deste trabalho, a escolha do grupo focal se deu pela importância de se discutir a questão em forma de debate entre um grupo que vivencia um mesmo problema social. As mulheres puderam discutir e complementar as respostas uma das outras, enriquecendo a pesquisa. Além disso, o grupo gerou uma troca de experiências. Como as participantes são de uma mesma classe social, vivem na mesma situação e passaram por histórias parecidas, o diálogo compartilhado favoreceu um resultado muito rico.

5.1 Grupo Focal

Segundo Costa (2008), o intuito no grupo focal não é interferir nem generalizar, mas sim compreender uma questão. “Grupos focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências.” (COSTA, 2008, p. 181). No caso desta pesquisa, a intenção era compreender o que esse coletivo de mulheres pensa sobre uma questão que envolve a todas. Gómez (2000, p. 72, tradução nossa) classifica que a pesquisa qualitativa “[...] pretende encontrar o diferente, o

próprio, o que diferencia aquilo que estamos explorando do conjunto que está integrado”. Durante a aplicação da técnica do grupo focal, as mulheres puderam compartilhar situações que vivenciaram e que tinham semelhanças com o que estava sendo noticiado nas matérias que para elas foram apresentadas.

Segundo Costa (2008), o primeiro passo para realizar um grupo focal é fazer um planejamento com um roteiro de entrevistas. No decorrer da entrevista, o moderador pode perguntar outras questões que não estão nesse roteiro, mas o planejamento é essencial para não se perder o foco, ainda mais quando se trata de um diálogo com várias pessoas. Para aplicar essa técnica, o moderador precisa ter em mente, de forma bastante clara, o objetivo da pesquisa.

Grupo Focal é estimular discussões dentro do grupo, questões que provocam respostas do tipo sim e não ou respostas com uma ou duas palavras devem ser evitadas. Questões longas, complexas, com diversas partes são difíceis de compreender oralmente e devem ser evitadas. O roteiro funciona como um prompter para que o moderador se guie durante a entrevista. [...] Algumas respostas podem suscitar perguntas de desdobramento, e cabe ao moderador flexibilizar o roteiro para atender ao movimento do grupo. (COSTA, 2008, p.183).

Moya e Raigada (1998) alertam que o andamento do grupo focal pode não acontecer de forma fluída. Por isso, interrupções ou silêncios prolongados devem ter a intervenção do moderador da entrevista. Em geral, o grupo focal tem até 12 questões. De acordo com Costa (2008), o roteiro deve começar com perguntas amplas; na metade da entrevista devem ocorrer perguntas estruturadas e, no fim, perguntas genéricas. As questões desestruturadas “[...] permitem aos entrevistados se referir a qualquer aspecto dos estímulos apresentados na questão e, por outro lado, permitem observar a congruência e a consistência das respostas.” (COSTA, 2008, p. 184). Uma questão estruturada “[...] prevê informação sobre aspectos ou dimensões do objeto de estímulo no qual quem responde deve estar focado.” (COSTA, 2008, p. 185).

O grupo focal deve ter um documentador, cuja responsabilidade é anotar tudo. Segundo Costa (2008, p. 186), o documentador deve “[...] facilitar a análise dos dados, seja no auxílio à transcrição, seja no preenchimento da planilha. O documentador deve registrar os comentários verbais e não verbais.”

A escolha do público-alvo é de extrema importância. Segundo Costa (2008, p. 185), “O grupo deve ter nível socioeconômico semelhante, para evitar inibições e

constrangimentos.” No caso da pesquisa desenvolvida, as participantes cumpriam esse requisito. A aplicação do grupo focal deve ocorrer em um local silencioso, onde os entrevistados sintam-se à vontade. O local escolhido para esta pesquisa foi o a Ocupação Mirabal, onde as participantes moram e sentem-se à vontade.

A privacidade dos participantes do grupo focal é uma questão essencial. Segundo Costa (2008), os indivíduos são identificados por números, já que a autoria das respostas não é um aspecto relevante. No caso do grupo focal realizado com as mulheres que sofreram casos de violência, muitas têm medidas protetivas, o que faz com que o sigilo seja ainda mais importante, já que é uma forma de manter a segurança das vítimas. “Os limites de confidencialidade devem ser estabelecidos na fase do planejamento, pois algumas decisões são tomadas em função do tema a ser tratado.” (COSTA, 2008, p. 190).

Segundo Gómez (2000, p. 75, tradução nossa), o moderador “[...] tem que mostrar que existe uma fonte confiável de informações e que existe uma maneira transparente e rigorosa de dar sentido a essa informação”. É importante que os participantes criem uma relação de confiança com o moderador, já que elas vão relatar histórias pessoais e um ponto de vista bastante particular.

Costa (2008, p. 192) avalia o grupo focal como “[...] uma alternativa valiosa para quem quer ouvir, perceber e compreender as experiências e crenças dos participantes de um grupo.”.

O Grupo Focal apresenta vantagens relacionadas à sinergia gerada pela participação conjunta do grupo de entrevistados; a interação entre os participantes, que enriquece as respostas; a flexibilidade para o moderador na condução do roteiro; a profundidade e a qualidade das verbalizações e expressões [...]. O Grupo Focal é altamente recomendado quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado, quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema. (COSTA, 2008, p. 183).

Por isso, a importância da escolha da pesquisa qualitativa e do grupo focal especificamente como técnica para problematizar as matérias que tratam de violência contra as mulheres nos telejornais sensacionalistas. Por meio do debate, mulheres, que já foram vítimas de abusos e agressões, puderam expressar suas opiniões com segurança.

5.2 Análise do Discurso

Segundo Benetti (2007, p. 107), a Análise do Discurso (AD) é uma metodologia útil “[...] para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos.” No caso desta pesquisa, interessa estudar os sentidos percebidos pelas participantes do grupo focal.

Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2000, p. 15).

A AD não trata apenas da transmissão de informação, ela está inserida em um contexto maior do que isso. “O discurso é efeito de sentido entre locutores.” (ORLANDI, 2000, p. 21). A autora cita que um dos fatores que auxiliam na construção do discurso é a memória, pois cada indivíduo interpreta determinado discurso com base em suas lembranças e em outros conteúdos que tenha lido ou visto. Para Orlandi (2000, p. 31), a memória discursiva é:

[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pre-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Conforme Orlandi (2000, p. 36), “Todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos.” Segundo o autor, a paráfrase é a repetição do sentido.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer segmentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2000, p. 36).

Para construir os discursos, há a relação de sentidos e a relação de forças. O primeiro faz relação com o fato de que não existe um começo ou um fim para os discursos, pois eles são interligados. “Um dizer tem relação com outros dizeres

realizados, imaginados ou possíveis.” (ORLANDI, 2000, p. 39). Já a relação de forças se refere à noção do lugar de fala do sujeito.

Se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse no lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2000, p. 40).

Por meio da AD, através das paráfrases, buscamos analisar como as mulheres do grupo focal compreendem as matérias apresentadas a elas. A análise permite identificar por meio daquilo que se repete em suas falas quais os sentidos que elas encontram na leitura que fazem dos telejornais.

Outro conceito muito importante para a AD é o formações discursivas (FD), que representam os sentidos em um discurso. De acordo com Orlandi (2000, p. 43), “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórico dada – determina o que pode e deve ser dito”. Portanto, “É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.” (ORLANDI, 2000, p. 44).

Conforme Benetti (2007, p. 112), “Consideramos que uma FD é uma espécie de região de sentidos.”.

O que fazemos é localizar as marcas discursivas do sentido rastreado, ressaltando as que o representam de modo mais significativo. Depois de identificar os principais sentidos e reuni-los em torno de formações discursivas mínimas, o pesquisador deve buscar, fora do âmbito do texto analisado, a constituição dos discursos “outros” que atravessam o discurso jornalístico. (BENETTI, 2007, p. 113).

Portanto, com a Análise do Discurso, pretendemos identificar diferentes formações discursivas e, conseqüentemente, entender quais sentidos que as mulheres identificam nas matérias que tratam de violência contra as mulheres transmitidas nos telejornais sensacionalistas. Além disso, assim, será possível compreender se, a partir desses sentidos, essas mulheres se sentem representadas por essas matérias — que é o objetivo desta pesquisa.

5.3 Procedimentos Metodológicos

Para realizar a pesquisa proposta, como já foi dito, primeiramente, realizei¹³ um grupo focal com frequentadoras da Ocupação Mirabal por ser um local que concentra mulheres que sofreram violência e que pertencem a mesma faixa socioeconômica, justamente aquela a qual são direcionados os telejornais sensacionalistas. Depois disso, analisei o discurso dessas mulheres por meio da Análise do Discurso. Busquei encontrar as formações discursivas nas falas delas para entender quais sentidos são entendidos por elas quando assistem a essas matérias. A seguir, será relatado todo o percurso metodológico percorrido.

5.3.1 Procedimentos do Grupo Focal na Ocupação Mirabal

O primeiro passo para iniciar minha pesquisa qualitativa foi escolher o local de aplicação do grupo focal. A Ocupação Mirabal surgiu em 25 de novembro de 2016 – data que marca o aniversário da morte das irmãs Mirabal¹⁴ na República Dominicana e, por isso, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres. Nesse dia, cerca de 100 participantes do Movimento de Mulheres Olga Benário ocuparam um prédio localizado na Rua Duque de Caxias, no bairro Centro Histórico, em Porto Alegre. Este local pertence à Inspeção Salesiana São Pio X¹⁵. Por mais de 20 anos, o local foi sede do Lar Dom Bosco e tinha atendimento a crianças que viviam em vulnerabilidade social. Desde 2013, o espaço estava desocupado.

Na ocupação, além de acolherem mulheres, há diversas atividades que visam ajudar as vítimas, como serviços de apoio, todos feitos por voluntárias. Grande parte dos alimentos e produtos de higiene vem de doações. Além disso, bolos, pães caseiros e, até mesmo, sabonetes artesanais feitos pelas moradoras são vendidos em feiras como forma de arrecadar dinheiro para a manutenção da casa. A ocupação também realiza debates e encontros que visam conscientizar as pessoas

¹³ A partir de agora, o texto passará a ser escrito em primeira pessoa para que o leitor possa entender, de forma mais clara, quais foram os procedimentos utilizados.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-42125587>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

¹⁵ Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/06/sem-acordo-abrigo-de-apoio-a-mulheres-vitimas-de-violencia-domestica-pode-parar-de-funcionar-9808105.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017

sobre a importância da causa. Alguns dos eventos promovidos pelo coletivo no último ano foram rodas de conversa, reunião da rede de acolhimento e painéis sobre a violência doméstica. Algumas dessas atividades ocorreram dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Faculdade de Direito.

Muitas mulheres que vivem no local têm medidas protetivas contra os agressores e, devido a isso, algumas têm medo de sair na rua, o que as impede de trabalhar e estudar. A casa é um local transitório. Há mulheres que ficam alguns dias, enquanto outras já estão há meses. Por isso, não há um número certo de moradoras. Algumas mulheres que moravam na Ocupação Lanceiros Negros, que ficava também no Centro de Porto Alegre, foram acolhidas pela Ocupação Mirabal quando o grupo Lanceiros foi despejado do prédio que ocupava. Na época, a ação da polícia que realizou a reintegração de posse foi questionada pela tamanha violência que foi usada para retirar os moradores do prédio.

Na ocupação se trabalha a ideia do coletivo. Grande parte das mulheres que chega no local traz junto os seus filhos. Por isso, além das mulheres, há muitas crianças na casa. O objetivo é que as vítimas de violência possam se recuperar, ter o apoio e atendimentos necessários, para que depois possam seguir a vida a diante.

Conhecendo a história da ocupação, fui até o local, me apresentei e fiz o primeiro contato. Elas se mostraram interessadas em participar do grupo focal. Entretanto, como o local é bastante transitório – semanalmente chegam novas mulheres e outras vão embora – eu precisei selecionar quem queria participar. Oito mulheres foram convidadas a participar do grupo, pois esse é considerado o número ideal de acordo com Costa (2008). No entanto, seis mulheres compareceram no dia marcado – duas não apareceram. Dessas seis, apenas uma não tinha sofrido violência, todas as outras foram vítimas de algum caso de agressão, ameaça ou abuso. A que não sofreu violência está na Ocupação pela vulnerabilidade social – ela não tem para onde ir, foi abandonada pelo marido e não consegue emprego.

Para poder desenvolver a pesquisa, então, escolhi matérias dos três telejornais sensacionalistas que foram apresentados nesta pesquisa: *Balanço Geral e Cidade Alerta*, da Rede Record, e *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes. A justificativa de escolha desses três telejornais foi devido aos programas serem popularescos, serem direcionados às classes sociais as quais as entrevistadas pertencem e terem, como já foi apresentado, uma audiência bastante considerável,

ainda mais por fazerem parte da programação de canais abertos. Foram apresentadas ao grupo três matérias, uma de cada telejornal.

No dia da realização do grupo focal, fui até a Ocupação Mirabal sozinha e realizamos lá o encontro. Portanto desempenhei tanto o papel do documentador (que registra a conversa), quanto do moderador (que interage com as entrevistadas). Em uma sala reservada, as seis mulheres sentaram em roda. Cada mulher ganhou um número e eu gravei, com a autorização das participantes, o áudio de toda a nossa conversa com a utilização de um gravador. As mulheres se identificavam por meio de seu número quando falavam para facilitar a análise que seria feita posteriormente por mim. O grupo focal durou cerca de duas horas. A utilização do número também foi uma forma de preservar a identidade das participantes, como recomendam os autores estudados.

Primeiramente, cada uma das entrevistas descreveu como chegou na Ocupação Mirabal:

Entrevistada número 1: tem 53 anos e era da Ocupação Lanceiros Negros. Ela estava sem moradia e sem emprego, então, foi acolhida pela Ocupação Mirabal. Além disso, relatou que sofreu casos de violência anos atrás e, devido a esses casos, desenvolveu síndrome do pânico e incapacidade de confiar nos homens.

Entrevistada número 2: tem 47 anos e é mãe de uma das coordenadoras da casa. Como ela não tinha para onde ir, está morando na casa e ajuda nas questões organizacionais. Apesar da vulnerabilidade social, não sofreu casos de violência.

Entrevistada número 3: tem 29 anos e está grávida de sete meses. Ela sofreu várias agressões do companheiro e foi para a ocupação para poder ganhar o bebê em um local considerado seguro.

Entrevistada número 4: tem 33 anos e foi para a Ocupação porque sofreu violência doméstica durante dois anos.

Entrevistada número 5: tem 59 anos e não mora no local, mas frequenta para receber apoio e atendimentos psicológicos. A entrevistada relatou que sofreu violência doméstica do marido, mas, atualmente, está morando com ele novamente.

Entrevistada número 6: tem 50 anos e afirma que, além de ter sofrido violência, foi abandonada pelo marido e não tinha para onde ir.

Comecei explicando a proposta e mostrando a primeira matéria ao grupo em um computador. Ao final de cada matéria, como mediadora, fiz cinco perguntas que compunham meu roteiro, que, de acordo com Costa (2008), deve ser composto por

questões estruturadas. As perguntas do roteiro eram: “Quais pensamentos passaram pela sua cabeça quando você assistiu essa matéria? O que você achou bom e o que você achou ruim nesta matéria? A matéria tem alguma semelhança com o que você viveu? Você acha que a matéria aprofunda o assunto “violência contra mulher”? Você se sente representada por essa matéria? Por quê?” O roteiro serviu como espinha dorsal da nossa conversa, mas, de acordo com a participação das entrevistadas, outras questões iam sendo incluídas. Quando necessário, como documentadora, eu fazia anotações.

Esse processo se repetiu três vezes, uma a cada matéria exibida. Após exibir as três e discuti-las uma a uma, realizei mais três perguntas gerais, desestruturadas, que permitissem que as participantes pudessem expressar a opinião delas sobre a violência contra a mulher de forma geral: “Como você se sente quando assiste matérias que falam de violência contra a mulher? O que você pensa sobre a forma como a violência contra a mulher é abordada nos telejornais? Por que você acha que existe tanta violência contra as mulheres no Brasil?”

A primeira matéria¹⁶ apresentada ao grupo foi do telejornal *Cidade Alerta*. O produto conta a história de uma mulher em São Paulo que foi assassinada dentro de casa pelo companheiro, com quem ela mantinha um relacionamento havia 16 anos. O apresentador Luiz Bacci faz comentários como: “Veja essa reportagem inédita”. O jornalista deixa claro que o agressor era um homem violento, que já tinha passagens pela polícia por tráfico de drogas e por se enquadrar na Lei Maria da Penha. Bacci expressa sua opinião ao falar: “A pergunta que eu faço é a seguinte: como uma mulher aceita se relacionar com um homem que tem passagens pela Maria da Penha, ou seja, que era inimigo de mulheres?”. Após os comentários, são exibidas imagens da casa onde ocorreu o crime, além de uma foto do acusado. As imagens são repetitivas. A repórter Jéssica Fagnano entrevista um policial civil e vizinhos como fontes.

A segunda matéria¹⁷ apresentada foi do programa *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, que tratava do caso de uma mulher que foi morta dentro do presídio de Santo André, em São Paulo, em uma visita íntima ao ex-companheiro. A matéria

¹⁶ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidade-alerta/videos/mulher-e-assassinada-pelo-namorado-dentro-de-casa-em-sp-02112017>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

¹⁷ Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/16341468/sp-mulher-e-morta-dentro-da-cadeia-durante-visita-intima.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

começa informando que a mulher foi estrangulada e mostra fotos da vítima e do acusado. Além de descrever como ocorreu o crime, imagens da fachada do presídio são exibidas na reportagem. As imagens se repetem, principalmente, a do acusado. Como fonte, a tia da vítima dá um depoimento, sem se identificar. A reportagem deixa claro que a vítima conhecia o acusado há pouco tempo, cerca de três meses.

A notícia¹⁸ exibida foi do *Balanço Geral* São Paulo, também da Rede Record, que trata de uma jovem que sumiu depois que o namorado divulgou nas redes sociais um vídeo em que a humilhava. O apresentador Reinaldo Gottino descreve a história em tom dramático. Ao fundo, é possível perceber que há uma trilha sonora. O telejornal, além de citar o vídeo, mostra as imagens em que a jovem, com o cabelo raspado, recebe tapas na cara do namorado, além de xingamentos. Ela é humilhada e, ameaçada pelo namorado, é obrigada a confessar uma suposta traição. As imagens do vídeo são bem chocantes. Mesmo não identificando o rosto da jovem, existe uma exposição.

Com exceção da última notícia, que trata de desaparecimento e envolve violência contra a mulher, as outras duas matérias falam sobre feminicídio. Com imagens fortes, elas têm linguagem sensacionalista e dramatizada e simplificam as histórias contadas, fazendo lembrar os critérios de noticiabilidade apontados por Tranquina (2005). Optei por selecionar também matérias que trouxessem os comentários dos apresentadores porque esta é uma característica marcante neste tipo de telejornal.

Ao final, agradei a presença das mulheres por terem aceitado participar do grupo focal e nos despedimos.

5.3.2 Procedimento da Análise do Discurso

Para realizar a Análise do Discurso das falas das seis entrevistadas, decupei a gravação (APÊNDICE A) de toda a conversa que tive com elas no grupo focal. Feito isso, fiz a leitura de todas as respostas e fui selecionando sequências discursivas significativas em relação ao tema estudado. Benetti (2007, p. 113) define sequência discursiva (SD) como “[...] o trecho que arbitrariamente recortamos para análise e depois utilizamos no relato da pesquisa.”

¹⁸ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/balanco-geral/videos/jovem-desaparece-apos-divulgacao-de-video-em-que-e-agredida-pelo-namorado-01112017>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

Não existe uma fórmula única a ser aplicada nem para a escolha dessas sequências, nem para a análise, e fica a cargo do analista usar sua interpretação seguindo parâmetros de rigor (BENETTI, 2007). A autora alerta, no entanto, que o analista não pode selecionar apenas sentidos que confirmem uma suposta hipótese já levantada.

Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isso porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. (ORLANDI, 2000, p. 62).

A exaustividade desejada, então, é a vertical, em profundidade, e está relacionada com os objetivos da análise. Para isso, é necessário buscar as regularidades, ou paráfrases, encontradas no discurso analisado. A partir, então, da leitura de todas as falas das entrevistadas sobre as matérias assistidas e da seleção de sequências discursivas (APÊNDICE B), identifiquei dois eixos: a representação da mulher e a representação da violência contra a mulher. Esses dois eixos norteadores dos sentidos me levaram a nove formações discursivas (FDs) – ou regiões de sentido. No eixo da representação da mulher, as FDs encontradas foram as seguintes: a mulher como culpada, a mulher como vulnerável, a mulher como alvo de humilhação e a mulher sem voz. No eixo da representação da violência contra a mulher, foram encontradas as seguintes FDs: a impunidade do homem na violência contra mulher, a violência descontextualizada, o sensacionalismo na violência, a violência contra mulher decorrente da criação familiar e a violência banalizada.

O número de SDs encontradas foi 45, mas lembrando que, uma mesma SD pode pertencer a mais de uma FD. O número de cada uma dessas FDs pode ser conferido na tabela a seguir:

Quadro 1: Formações Discursivas Identificadas

| EIXOS | FORMAÇÕES DISCURSIVAS (FDs) | SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS (SDs) |
|--------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|
| Representação da mulher | FD1 - A mulher como culpada | 12 |
| | FD2 - A mulher como | 12 |

| | | |
|---|--|----|
| | vulnerável | |
| | FD3 - A mulher como alvo de humilhação | 4 |
| | FD 4 – Mulher sem voz | 3 |
| Representação da violência contra a mulher | FD5 - Impunidade do homem na violência contra mulher | 13 |
| | FD 6 – Violência descontextualizada | 10 |
| | FD7 - Sensacionalismo na violência | 7 |
| | FD8 - A violência contra mulher decorrente da criação familiar | 4 |
| | FD 9 - Violência banalizada | 2 |
| Total | – | 67 |

Fonte: organizada pela autora

A partir dessa identificação, apresento, no próximo capítulo, a análise de discurso das falas das entrevistadas no grupo focal para alcançar os objetivos da pesquisa.

6 ANÁLISE: REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Neste capítulo serão apresentados os dois eixos de sentido encontrados nas falas das entrevistadas: a representação da mulher e a representação da violência contra a mulher. Foram esses dois eixos que levaram a nove formações discursivas (FDs) – ou regiões de sentido, que serão analisadas neste capítulo: a mulher como culpada, a mulher como vulnerável, a mulher como alvo de humilhação, a mulher sem voz – no primeiro eixo –, a impunidade do homem na violência contra a mulher, a violência descontextualizada, o sensacionalismo na violência, a violência contra a mulher decorrente da criação familiar e a violência contra a mulher como fenômeno banalizado – no segundo eixo. É importante lembrar que uma mesma Sequência Discursiva (SD) pode pertencer a mais de uma FD, pois elas se entrecruzam, por isso, foram grifados nas Sds os trechos que representam os sentidos nucleares de cada FD.

6.1 FD1 A Mulher Como Culpada

Uma das formações discursivas que mais apareceu nas falas das mulheres entrevistadas foi a da mulher sendo colocada como culpada em vários momentos nas matérias dos telejornais sensacionalistas assistidas. Essa é também a primeira FD enquadrada no primeiro eixo de sentido percebido: da representação da mulher. A culpabilização da mulher quando se trata de casos de violência é um fato recorrente na sociedade. Conforme citado anteriormente, muitas vezes as mulheres são julgadas, por exemplo, pela roupa que estão utilizando.

Na primeira reportagem mostrada, que tratava do caso de uma mulher que havia sido assassinada pelo companheiro, o apresentador Luiz Bacci, do *Cidade Alerta*, indaga: "Como pode uma mulher se relacionar com um homem que já foi preso por conta da lei Maria da Penha?". As participantes do grupo focal perceberam que, em sua fala, o apresentador estava julgando e culpando a mulher e foram bastante críticas em relação a isso, como pode ser visto nas SDs a seguir:

Me dá raiva, é um absurdo, o apresentador está culpando a vítima. Quando ele fala "como uma mulher pode se relacionar com esse homem?". A mulher tem que adivinhar agora que vai sofrer violência? A culpa é da mulher o fato dele ter matado ela? A gente vê isso todos os

dias, comigo foi assim. Quando eu sofri violência, não podia contar pra ninguém, eu sabia que eu ia ser julgada. (SD1, ENTREVISTADA 1).

Esse tipo de machismo faz com que nossa situação seja assim. **A violência é sempre culpa da mulher, ela que escolheu se relacionar com esse homem, ela que escolheu sofrer violência.** (SD2, ENTREVISTADA 3).

Na televisão, como o tempo de produção do conteúdo é normalmente curto, as possibilidades de equívocos de linguagem na elaboração de matérias que envolvem violência são maiores do que em meios impressos, por exemplo. O comentário do apresentador, nesse caso, foi ao vivo, ou seja, nenhum editor pôde questioná-lo. Hagen (2009) fala sobre o papel do apresentador:

Na interação que se estabelece frente à TV, são os apresentadores que têm o rosto visível e estabelecem uma relação de troca comunicacional maior com o telespectador. É para eles que se olha com mais intensidade, buscando-se descobrir em suas faces sinais que indiquem como as reportagens podem ser compreendidas. São eles que asseveram a veracidade do que está sendo mostrado, fazem a costura dos assuntos, tornando-se o próprio jornalismo aos olhos do público. (HAGEN, 2009, p. 38).

Goffman (2002) utiliza o termo “fachada pessoal” para se referir às características do ator (como ele denomina o sujeito envolvido em um ato de comunicação). “Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes.” (GOFFMAN, 2002, p. 31). Ou seja, as características do apresentador e a representação que ele exerce são marcantes para o público que está assistindo ao telejornal. Não por acaso, o apresentador de um telejornal sensacionalista é, normalmente, um homem.

Na segunda matéria exibida, as mulheres também perceberam que, em um certo momento, houve culpabilização da mulher. A matéria do *Brasil Urgente* falava de uma jovem que, ao visitar seu ex-companheiro na prisão, foi assassinada por ele. No meio da reportagem, houve ênfase, por parte da repórter, para o fato de que a mulher estava com o companheiro havia três meses. As participantes do grupo focal afirmaram que o fato de a reportagem dizer que a vítima foi morta quando realizou a visita relacionando isso ao fato de ela estar há pouco tempo com o companheiro foi uma forma de culpá-la.

Eu achei essa reportagem um pouco mais tranquila comparada com as outras. A reportagem não colocou tanto a culpa na mulher, se bem que, **quando ela diz que fazem só três meses que eles estavam juntos, parece que está transferindo a culpa para a vítima que estava há pouco tempo com ele. Mas, não tinha como ela saber que ele ia fazer isso.** (SD12, ENTREVISTADA 4).

Conforme Debord (1997), as pessoas buscam tragédias da vida real como forma de divertimento. Isso faz com que muitas imagens sensacionalistas sejam transmitidas na televisão. Esse foi o caso da notícia apresentada pelo telejornal *Balanço Geral São Paulo*, segundo as entrevistadas. O apresentador Reinaldo Gottino relatou o caso de uma mulher que desapareceu após a divulgação nas redes sociais de um vídeo que foi gravado pelo seu companheiro. O vídeo, exibido pelo apresentador, mostra o homem sendo agressivo com a mulher (com o rosto apagado para não identificar a vítima), batendo nela e a obrigando a assumir uma suposta traição.

As participantes do grupo focal reconheceram que o vídeo culpava a mulher ao tentar justificar toda aquela violência devido à sua suposta traição:

É como se trair justificasse tu fazer uma coisa dessas, tu ser humilhada, espancada. Até um fantasma na cabeça, eu acho que ela me traiu, então eu tenho essa margem de fazer o que eu quiser com ela. **Como se tivesse esse respaldo publicamente porque ele se sentiu no direito porque ela traiu.** Nunca vi um caso desses de quando um homem trai, que é muito mais comum. Nunca vi uma mulher raspando a cabeça do cara, a sobancelha e gravando um vídeo e divulgando. Essas coisas que eu fico me perguntado: **por que o cara tem o direito de fazer uma humilhação dessas e como seria a reação dos homens se visse um homem apanhando de tapa na cara na televisão porque traiu?** (SD24, ENTREVISTADA 4).

A impunidade, se algum homem que fizesse essas coisas fosse realmente preso, serviria de exemplo para os outros. **Tem essa mulher de ser a culpada e tal, então eles fazem, sabem que vão ficar uns meses presos e depois saem** (SD36, ENTREVISTADA 1).

Uma das participantes do grupo focal, a Entrevistada 3, contou que essa notícia a lembrou de um fato que vivenciou. Quando ela falou para seu ex-companheiro que não queria mais morar com ele, já que estava grávida e sofria agressões dele, o companheiro bateu com um capacete na cabeça dela. De acordo com a entrevistada, as pessoas que estavam na rua olharam com raiva para ele que, então, alegou: “É que ela me traiu”. Ao dizer isso, mesmo sendo mentira, as pessoas não fizeram nada para impedir que ela fosse agredida, mesmo estando grávida. Fatos como esse demonstram o quanto o machismo ainda está presente em nossa sociedade e como a culpabilização da mulher é um fato recorrente quando

se trata de casos de violência. Conforme Ure (2008), é necessário que o jornalista tenha dimensão de como determinada informação afetará o público, para que a informação acrescente benefícios à sociedade.

Segundo Goffman (2002), as pessoas têm fachadas esperadas em determinadas situações. “Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel.” (GOFFMAN, 2002, p. 34). Na televisão, a representação da mulher como alguém que trai foge do senso comum, enquanto que o homem é muitas vezes desculpado pela traição. Esse comportamento não ocorre apenas nas reportagens, mas na sociedade de um modo geral – como aconteceu na situação relatada pela Entrevistada 3. Portanto, a reportagem, mesmo que critique atitudes violentas por parte dos homens, ao não contextualizar o acontecimento, está reproduzindo um machismo que existe em nossa cultura.

As notícias transmitidas nos telejornais não são casos isolados, mas problemas que ocorrem com frequência no Brasil. A Entrevistada 1 relatou que as três matérias que assistiu a fizeram lembrar-se de um caso pessoal que vivenciou quando sofreu violência:

O pior é que **eu não podia contar para ninguém porque iam me julgar, guardei tudo para mim. Iam perguntar por que tu conheceu esse cara? Tu não sabia que ele era assim?** Fiquei com síndrome do pânico por causa disso. Tive que tomar remédio. Nunca mais confiei em homem nenhum na minha vida. Alguma coisa mudou. Aquela ideia que eu tinha de me apaixonar, a ideia do amor, eu não tenho mais. (SD17, ENTREVISTADA 1).

Por isso, a importância de se problematizar as reportagens que colocam a culpa na mulher. Esse sentido de culpabilização das mulheres, percebido pelas entrevistadas, sendo repetido – em paráfrases – nas matérias acaba por sedimentar um sentido equivocado para os telespectadores, refletindo diretamente na vida de muitas vítimas.

6.2 FD2 A Mulher Como Vulnerável

A segunda formação discursiva que apareceu na fala das entrevistadas foi a da mulher sendo tratada como vulnerável nas matérias dos telejornais sensacionalistas. No *Balanço Geral São Paulo*, conforme citado anteriormente, o

apresentador mostrou um vídeo em que a vítima é espancada pelo companheiro, após ele ter raspado o cabelo dela.

Ela está apavorada com ele batendo nela. Ela possivelmente está confessando algo que ela nem fez. Com certeza essa menina está morta. Ele tirou o cabelo dela porque muitos homens acham que o cabelo é uma parte que a mulher cuida, é uma parte de feminilidade. Raspou a cabeça de humilhá-la. Vaidade. Como ela assumiu, acho que ela está morta. (SD21, ENTREVISTADA 1).

Acho que mostrar o vídeo foi para chamar a atenção, mas para nós que fomos vítimas de violência, é muito chocante. Dá uma raiva, da vontade de chorar, vontade de entrar dentro do computador e fazer alguma coisa. **Tu tá vendo mais uma vez uma mulher sendo violentada, mais uma vez a polícia não sabendo o que aconteceu, ela desaparecida, ninguém sabe de nada. Vai saber se ela não vai aparecer em outra reportagem morta, e aí, quem vai se importar?** Qual vai ser a mobilização da sociedade depois de uma matéria assim? Então, acho que é chocante, mostraram de maneira chocante. (SD25, ENTREVISTADA 4).

É necessário que se fale sobre a violência contra mulher no jornalismo, mas essa violência não deve ser mostrada de forma explícita e dramatizada. Conforme comentamos no capítulo três, os telejornais sensacionalistas tendem a utilizar imagens chocantes para atrair o interesse do público. Mas, de acordo com as entrevistadas, a representação que é dada a mulher violentada não representa as vítimas de violência. Pelo contrário, na opinião delas, gera uma angústia ainda maior. Elas afirmam que muitos homens sentem prazer em ver imagens violentas como essas exibidas nas matérias, em que a mulher é tratada como um ser vulnerável. A percepção das entrevistadas tem relação com a cultura machista em que vivemos, sendo que algumas pessoas nem percebem que estão reproduzindo esse preconceito.

Quando seu público está também convencido deste modo a respeito do espetáculo que o ator encena – e esta parece ser a regra geral – então, pelo menos no momento, somente o sociólogo ou uma pessoa socialmente descontente terão dúvidas sobre a “realidade” do que é apresentado. (GOFFMAN, 2002, p. 25).

Por isso a representação do apresentador do telejornal também é relevante. Muitos telespectadores vão acreditar fielmente no que está sendo dito. Mostrar a vítima como uma pessoa vulnerável é algo recorrente nas matérias. Devido a estereótipos, as mulheres ainda são retratadas, muitas vezes, como frágeis, mesmo que isso esteja mudando.

As entrevistadas afirmaram que deveria haver mais apresentadoras mulheres nos telejornais e programas de televisão para que os conteúdos, principalmente casos de violência, fossem tratados de forma diferente. Coimbra (2004) afirma que denunciar e trazer os casos de violência a público, para serem discutidos, é uma forma de auxiliar a diminuir essa ideia de a mulher como vulnerável.

A fala, a denúncia, o tornar público, nos retiram do território do segredo, do silêncio, da clandestinidade. Com isso, podemos sair do lugar de vítima fragilizada, despotencializada e ocuparmos o da resistência, da luta, daquele que passa a perceber que seu caso não é um acontecimento isolado; ele se contextualiza, faz parte de outros e sua denúncia, esclarecimento e punição dos responsáveis abre espaço e fortalece novas denúncias. (COIMBRA, 2004, p. 58).

Essa ideia de coletivo que a autora traz demonstra que as mulheres não são vulneráveis, pelo contrário, juntas, vítimas de violência podem provocar mudanças na sociedade. Quanto mais esse assunto for discutido – pelo jornalismo e em outros espaços sociais – e mais problematização o tema receber, menos ideias machistas teremos em nossa sociedade. Entretanto a forma como esses casos são tratados na televisão dever ser adequada. Raramente, por exemplo, os telejornais divulgam maneiras – como números de telefone, por exemplo – de as mulheres denunciarem agressões quando exibem matérias sobre violência contra mulher.

6.3 FD3 A Mulher Como Alvo de Humilhação

O modo como os telejornais sensacionalistas se referem às mulheres vítimas de violência foi bastante debatido entre as entrevistadas do grupo focal. Uma das críticas foi a respeito da mulher ser alvo de humilhação, que marca o sentido da FD3. Dentre as três matérias apresentadas, a que recebeu mais críticas nesse aspecto foi a notícia do jornal *Balanço Geral*.

Ela está apavorada com ele batendo nela. Ela possivelmente está confessando algo que ela nem fez. Com certeza essa menina está morta. **Ele tirou o cabelo dela porque muitos homens acham que o cabelo é uma parte que a mulher cuida, é uma parte de feminilidade. Raspou a cabeça de humilhá-la. Vaidade.** Como ela assumiu, acho que ela está morta. (SD21, ENTREVISTADA 1).

Nas imagens que foram divulgadas pelo agressor nas redes sociais, a emissora apagou o rosto da mulher para que ela não fosse exposta. Uma das

entrevistadas, ao criticar o telejornal por ter mostrado o vídeo gravado pelo marido da vítima, problematizou a ação:

Não é representativa. Mesmo não divulgando o nome, acaba expondo. As pessoas podem acabar indo atrás deste vídeo na internet e conseguem ver quem é a vítima. Pra ver a mulher apanhando. Pra homens mostrarem de exemplo para outras mulheres: se tu me trair, eu faço igual. (SD26, ENTREVISTADA 4).

Conforme citado no capítulo quatro, os telejornais sensacionalistas transformam a notícia em verdadeiro espetáculo. Ramonet (1999) afirma que muitas notícias de televisão se tornaram um divertimento. Isso é nutrido “[...] fundamentalmente de sangue, de violência e de morte.” (RAMONET, 1999, pag. 101-102).

As imagens violentas têm por objetivo chocar o telespectador. Além disso, um aspecto presente nos comentários do apresentador Gottino foi o tom de voz utilizado, que era pausado e dramático. Ao reproduzir um vídeo em que a mulher está sendo humilhada, o telejornal está fazendo parte deste processo, por expor uma vítima de forma inadequada.

As entrevistadas do grupo focal sentiram falta de uma reportagem mais aprofundada sobre a mulher desaparecida, que não reproduzisse apenas o vídeo gravado pelo marido, mas que falasse sobre como anda a investigação e sobre as causas de um caso desses ocorrer. De modo geral, as participantes acharam que faltou aprofundamento em todas as matérias exibidas – como será visto da FD6 –, pois, segundo elas, a forma como os telejornais sensacionalistas tratam esses casos, muitas vezes, contribui para que as vítimas sejam ainda mais humilhadas.

Conforme citado no capítulo quatro, outro aspecto comum nas reportagens sensacionalistas é a repetição das mesmas imagens, recurso utilizado nas matérias exibidas às entrevistadas. Patias (2006) explica que as imagens costumam ser chocantes para atrair a atenção do público e, por isso, ocorre também a repetição. Esse recurso faz com que os mesmos sentidos sejam reforçados.

De acordo com um dos valores-notícia citados por Traquina (2005), a simplificação faz com que a reportagem seja tratada de forma superficial, sem dar referências do que está por detrás do acontecimento. O mesmo vale para a personalização, que faz com que o caso seja tratado com algo isolado, sem dar as dimensões do problema. Já a amplificação, outro critério de noticiabilidade citado pelo autor, permite que o apresentador fique por tempo indeterminado comentando

uma mesma matéria. Isso também é um dos motivos que contribui para a repetição de imagens. Nas três matérias exibidas, todos esses critérios podem ser percebidos.

6.4 FD4 A Mulher Sem Voz

A quarta formação discursiva que pôde ser identificada na fala das entrevistadas foi a da mulher não ter voz nos telejornais exibidos. Como já foi comentado, as mulheres criticaram que os apresentadores do telejornalismo sensacionalista são, normalmente, homens:

Os apresentadores desses programas são sempre homens. Nunca vi uma mulher apresentando um telejornal assim. Para representar as mulheres. Seria uma coisa interessante. Sempre são homens, sensacionalistas. Deveria ter mais programas envolvendo e apresentado por mulheres. É muito tratado como uma notícia qualquer, como um acidente de trânsito. Banalizou porque acontece toda hora. (SD43, ENTREVISTADA 3).

Goffman (2002, p. 29) classifica cenário como “[...] a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos de pano de fundo que vão construir o cenário e os suportes de palco para o desenrolar da ação humana”. O cenário do telejornal sensacionalista costuma ser sempre igual e valoriza a presença do apresentador.

Se tomarmos o termo “cenário” como referente às partes cênicas de equipamento expressivo, podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. (GOFFMAN, 2002, p. 31).

É muito raro uma mulher apresentar telejornais como *Brasil Urgente*, *Balanço Geral* e *Cidade Alerta*. A falta de voz das mulheres também pode ser percebida nas matérias. No telejornal *Cidade Alerta*, as entrevistadas afirmaram que o apresentador culpou a vítima e não escutou nenhuma fonte que pudesse defendê-la, já que ela morreu assassinada. Na segunda matéria, as mulheres do grupo focal destacaram a importância de mostrar alguém falando em nome da vítima e que também é mulher:

A matéria está um pouco mais neutra, **aparece a tia dela falando, defendendo ela. Na outra matéria não apareceu nenhuma pessoa defendendo ela. Pelo menos, nessa, escutaram a tia da vítima.** (SD14, ENTREVISTADA 1).

Muitas vezes, a voz das vítimas é silenciada devido ao machismo existente na sociedade. De acordo com Zuwick (2001), em muitos casos, as vítimas têm medo dos julgamentos e acreditam que o assunto é pessoal, principalmente quando se tratam de casos de estupro. “Tornar tal violência em assunto público parece constituir às mulheres violadas uma sobrecarga emocional e um aumento da experiência de humilhação.” (ZUWICK, 2001, p. 86).

Na opinião das entrevistadas, se houvesse mais mulheres apresentando programas de televisão que falassem da violência contra a mulher, esse assunto seria tratado de forma diferente. Sobre a notícia que mostrou o vídeo da jovem apanhando do companheiro, uma das participantes do grupo focal afirmou:

É bem assustador, apavorante. Mas, eles falam tão pouco. Agora, **se colocar uma mulher para falar sobre esse caso, ela meteria o pau.** (SD27, ENTREVISTADA 3).

Quanto mais a voz da mulher for silenciada, principalmente nas reportagens que tratam do tema violência contra a mulher, menos diálogo sobre o assunto teremos.

6.5 FD5 A Impunidade do Homem na Violência Contra a Mulher

Como já foi citado no capítulo dois, mesmo com a Lei Maria da Penha, o número de casos de violência contra a mulher ainda é muito significativo. De acordo com o site *Relógios da Violência*¹, do Instituto Maria da Penha, a cada dois segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal, e a cada 16,6 segundos uma mulher é vítima de ameaça com faca ou arma de fogo. Conforme as entrevistadas, um dos motivos para isso ocorrer é a impunidade do homem, sentido que compõe a primeira FD que se enquadra no segundo eixo identificado nesta pesquisa. A Entrevistada 1 contou, estimulada pelas matérias assistidas, uma história pessoal em que presenciou a impunidade de seu agressor quando ela acionou a polícia:

Uma vez eu chamei a Brigada, porque ele estava me perseguindo no supermercado onde eu estava fazendo compras. Era que nem filme de terror. Eu estava fazendo comprar, de repente vi ele parado lá, me olhando. E não tinha como saber. Ele era maravilhoso no início, mas tinha dupla personalidade. A Brigada, então, pegou ele e colocou dentro da viatura.

¹ Disponível em: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

Quinze minutos depois, ele estava na minha casa tocando o meu interfone e dando risada. Ele disse que a Brigada pegou e largou ele na esquina, nem se quer levaram ele para a delegacia. A própria polícia não te protege. O jeito de sair dessa situação foi eu e meu filho sumir de madrugada. Fomos para outro bairro que ele não tinha o endereço. (SD16, ENTREVISTADA 1).

Ao ser exibida a matéria do telejornal *Brasil Urgente*, que relatava a morte de uma jovem assassinada dentro do presídio em uma visita íntima, as entrevistadas criticaram a falta de aprofundamento da matéria, por não ser abordada a falta de punição.

O primeiro de tudo, é que homens não aceitam os finais dos relacionamentos muitas vezes e acabam assassinando as mulheres. Tem muitos casos assim. Segundo, ela não teve nenhuma proteção lá dentro. Por que os homens não aceitam isso que as mulheres não querem mais? Eles estavam só há três meses juntos, nem era um casamento. Os filhos nem eram dele. É uma doença mental. **Falta tratamento para esse tipo de homem. Muitos fazem essas coisas porque sabem que não ficar presos. Eu acho que esse cara nem deve mais estar na cadeia.** (SD10, ENTREVISTADA 1).

Conforme dados da Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres do Governo Federal, obtidos por Lei de Acesso à Informação, em 2016, no Brasil, havia apenas 504 delegacias especializadas de atendimento à mulher (Deams), sendo 50 no Rio Grande do Sul – uma em Porto Alegre. Isso fomenta ainda mais a impunidade, já que muitas vítimas não se sentem seguras em denunciar em uma delegacia comum. Strey, Werba e Nora (2004) afirmam que a falta deste atendimento faz com que as vítimas se silenciem.

Quando percebem que se depararam com atitudes desqualificadoras, intimidadoras e preconceituosas, como era comum encontrarem nas delegacias não-especializadas, as mulheres em situação de violência permanecem em silêncio. Às vezes nos parecem inacreditável que as autoridades públicas não compreendam que silêncio sobre uma violência doméstica, a falta de registros adequados, leva o aumento da violência em geral e conseqüentemente dos custos que ela representa. (STREY; WERBA; NORA, 2004, p. 103).

As entrevistadas do grupo focal relataram que as medidas protetivas não funcionam na prática e que isso não é tratado pelos telejornais:

Não, eles não falam isso, mas **a medida protetiva eu sei que não existe porque eu tive e não adiantou de nada.** (SD19, ENTREVISTADA 5).

Por isso existe esta casa. **Eu e meus quatro filhos temos medidas protetivas. Mas, aí, o agressor sabe onde é a tua casa e aí? Ele bate na tua casa e tu faz o quê? Liga para a polícia? Tu liga e a polícia demora duas horas para vir, quando chega, tu já morreu. A medida protetiva**

não te garante nada, é só um papel. Se o homem te procura, ele pode ser preso. Mas, aí, tu tem que acionar a polícia. E a polícia não vem. Não adianta nada. (SD33, ENTREVISTADA 4).

A impunidade faz com que a situação em nossa sociedade não se modifique e que os números de casos de violência contra a mulher continuem altos.

Histórica e socialmente a impunidade produz uma dupla violação: além da que foi sofrida – se nenhuma atitude for tomada por parte do afetado e/ou autoridades – a pessoa continua no dia a dia sendo violentada. O desrespeito pela falta de investigação e esclarecimento dos fatos e a falta de punição dos responsáveis significa uma nova violação. (COIMBRA, 2004, p. 58-59).

Para combater a violência contra a mulher, é necessário que a sociedade tenha consciência da dimensão do problema. Os telejornais, portanto, pelo alcance que possuem, deveriam desempenhar um papel social de ajudar a combater a impunidade.

6.6 FD6 A Violência Descontextualizada

A sexta formação discursiva identificada nesta pesquisa é a violência descontextualizada. As entrevistadas afirmaram que as três matérias não falavam sobre o que estava por detrás das mortes e dos casos de violência. A Entrevistada 4 criticou o fato das matérias não explicarem o porque de mulheres, como ela, precisarem se esconder e mudar de vida como forma de proteção:

Então, eles não falam essa parte sobre não ter querer. A gente ta aqui dentro porque a gente não tem querer. Eu estou aqui dentro, com meus filhos, não posso sair para trabalhar, nem ir para faculdade, porque eu não tenho querer. E eles não falam isso. A culpa é minha porque eu me relacionei com um cara doente. Mas eu não sabia que ele era doente. E isso não fala nenhuma vez que o cara precisa se tratar, que ele é doente, que a sociedade é machista. A culpa é sempre da mulher que se relacionou com o cara doente. (SD42, ENTREVISTADA 4).

Devido à espetacularização que é dada às notícias, a contextualização acaba não existindo. “Como outro lado da deficiência da vida histórica geral, a vida individual ainda não tem história. Os pseudo-acontecimentos que se sucedem na dramatização espetacular não foram vividos por aqueles que lhes assistem.” (DEBORD, 1997, p. 107). É esta falta de contexto que faz com que muitos casos de violência não sejam compreendidos da maneira que deveriam.

A primeira matéria exibida para as entrevistadas, do telejornal *Cidade Alerta*, foi criticada pelas mulheres pela falta de contexto. As participantes do grupo focal afirmaram que o apresentador culpou a vítima por ter se relacionado com um homem que tinha passagem na polícia pela Lei Maria da Penha, mas o jornalista não falou sobre o agressor:

Acho muito triste isso, essa culpa que a sociedade coloca na vítima. **A matéria não fala dele, o porquê dele fazer isso. A culpa é dela que aceitou se relacionar com ele sabendo do histórico.** Como se as pessoas não pudessem mudar. Como se a gente soubesse em quem confiar. (SD3, ENTREVISTADA 4).

Eu não vi nada de bom nesta reportagem, ela é supersensacionalista. **Não aprofunda o assunto.** (SD4, ENTREVISTADA 1).

Na notícia exibida pelo telejornal *Balanço Geral*, as entrevistadas também perceberam a falta de contextualização. O apresentador exibiu um vídeo que mostrava a vítima que estava desaparecida, apanhando. As mulheres sentiram falta de uma matéria que falasse com pessoas próximas à vítima, que entrevistasse alguém da polícia, que trouxesse mais informações sobre o caso:

A matéria não diz o que está sendo feito, se o caso está sendo investigado e como andam as investigações. Isso é um absurdo. Daqui a pouco essa mulher aparece morta e quem vai se importar? O que será feito? (SD29, ENTREVISTADA 4).

A contextualização das matérias faz com que o público tenha um aprofundamento maior sobre o assunto e auxilia a não criar um desalinho na sociedade. Quanto mais informações as pessoas tiverem sobre os casos de violência contra mulher, mais chances de se combater o machismo.

6.7 FD7 Sensacionalismo na Violência

O sensacionalismo foi identificado e criticado pelas entrevistadas, principalmente na notícia do telejornal *Balanço Geral*, que mostrou um vídeo de uma vítima sendo agredida. As mulheres reprovaram a atitude:

Eu não vi nada de bom nesta reportagem, **ela é super sensacionalista.** Não aprofunda o assunto. (SD4, ENTREVISTADA 1).

Acho que **mostrar o vídeo foi para chamar a atenção, mas para nós que fomos vítimas de violência, é muito chocante.** Dá uma raiva, da vontade de chorar, vontade de entrar dentro do computador e fazer alguma coisa. Tu tá vendo mais uma vez uma mulher sendo violentada, mais uma vez a polícia não sabendo o que aconteceu, ela desaparecida, ninguém sabe de

nada. Vai saber se ela não vai aparecer em outra reportagem morta, e aí, quem vai se importar? Qual vai ser a mobilização da sociedade depois de uma matéria assim? **Então, acho que é chocante, mostraram de maneira chocante.** (SD25, ENTREVISTADA 4).

Conforme apontamos no capítulo quatro, as imagens estupefacentes são utilizadas com o objetivo de atrair a atenção dos telespectadores. “Os programas populares que hoje se convertem em objetos preferenciais da crítica da mídia, ao invés de afastarem o medo, o incentivam, exercendo um poder de violência simbólica que até pouco tempo era exclusivo do Estado.” (SANDANO, 2006, p. 64).

Essa ação faz com que os telejornais sensacionalistas deixem os telespectadores ainda mais assustados com as notícias, seja por meio de imagens chocantes ou pela repetição de sentidos.

Os programas populares – considerando-se aqui apenas os presentes na grande mídia, não os que conquistaram espaços alternativos – aproveitam-se das formas do popular não para expressar anseios, mas para esvaziar de sentido um outro discurso possível, para absorver o popular na normatização inerente à indústria cultural. Daí a degeneração do grotesco e sua inversão de sentido: em vez de contestar, insere ainda mais o indivíduo na cultura massiva e torna ainda mais predominante o discurso homogeneizante, independentemente das mediações feitas pelas camadas populares. (SANDANO, 2006, p. 66).

O sensacionalismo nas matérias foi percebido pelas entrevistadas como um aspecto antiprofissional. Uma das entrevistadas afirmou sentir sintomas físicos ao assistir a notícia do *Balanço Geral*:

Me deu náuseas só de ver esse vídeo, ver essa mulher apanhando. (SD28, ENTREVISTADA 1).

A gente identifica na hora esse sensacionalismo. Eles precisam ter mais profissionalismo. (SD40, ENTREVISTADA 1).

Eu acho que isso é um jogo. Eles vão dar ênfase que é uma coisa horrível. Mas, a reportagem em si, acaba culpando a mulher. Como a mulher se relacionou com um homem que já foi preso? Como a mulher foi visitar um homem e foi morta? **Usam todas essas frases para justificar os casos de violência e até mesmo chegou a morte.** Como assim a gente adivinha agora as coisas que vão acontecer? E, não adianta, se tu faz ou não faz, tu morre igual. (SD41, ENTREVISTADA 4).

Os telejornais sensacionalistas tratam da violência contra a mulher, que é um tema extremamente relevante. O problema é a forma como o telejornalismo popularesco aborda esse tipo de matéria. É preciso problematizar quais são as características que são atribuídas ao problema para que o machismo, a impunidade e as humilhações deixem de ocorrer.

6.8 FD8 A Violência Contra Mulher Decorrente da Criação familiar

Casos de violência contra a mulher podem ter ligação com a infância. Crianças que presenciam a mãe apanhando do pai podem seguir o mesmo caminho na vida adulta.

Mesmo presenciar violência doméstica, como, por exemplo, o espancamento da mãe, pode ser igualmente, ou até mais traumático para as crianças e, assim, traumático para o desenvolvimento saudável do cérebro do que outros eventos traumáticos, como a vivência da guerra, sofrer doenças que ponham risco à vida ou a perda dos pais/mães. (STREY, 2004, p. 31).

A percepção de que a violência contra mulher é decorrente também da criação – muitas vezes machista – que os homens tiveram em suas famílias marcam o sentido de uma nova FD. Uma das entrevistadas, após assistir às matérias, afirmou que as matérias a fizeram lembrar dos episódios de violência que sofreu de seu companheiro:

Se olharmos como são criados os homens hoje em dia é vergonhoso. Eu fui agredida na frente da mãe dele, ela quieta, espantada, é tão absurdo. Eu olhava para a minha sogra com tanta gana, uma mulher daquelas ficava olhando eu apanhando do filho dela. Um filho agressivo que faz o que quer e trata mal os outros. Quando tu vê como a mãe cria, te da nojo. Nunca quero criar meu filho assim. (SD35, ENTREVISTADA 3).

De acordo com Strey (2004, p. 24), homens podem se tornar violentos devido ao modelo imposto pela sociedade de que “[...] os homens devem ser pelo menos minimamente agressivos ou mesmo violentos para expressarem sua condição masculina. Então, masculinidade requer pelo menos uma certa dose de violência”.

É essa questão cultural machista reproduzida entre as gerações que faz com que os homens continuem achando que eles têm algum poder sobre as mulheres. “O profundo impacto da violência doméstica, o abuso físico e sexual e outras formas de violência predatória ou impulsiva não pode então ser subestimada.” (STREY, 2004, p. 24).

Foi possível perceber nas falas das entrevistadas que a forma como as mulheres são criadas também acaba sendo um dos fatores que as leva, muitas vezes, a aceitar a violência doméstica no futuro, como pode ser exemplificado na SD a seguir:

Da mesma forma que os se vê o pai batendo na mãe, a mulher filha cresce. Eu fico pensando o que eu fiz para atrair uma pessoa dessas? **E eu analisando lá na raiz, eu aprendi com uma psicóloga. É uma coisa que tem ser tratada por homem e mulher.** O homem usa a força, isso que da raiva. (SD45, ENTREVISTADA 3)

Mudanças culturais não são processos simples, e é exatamente por isso que o papel do jornalismo é de extrema importância. Os telejornais sensacionalistas, que tendem a espetacularizar as notícias, não problematizam o contexto social e familiar nem das vítimas, nem de seus agressores de forma mais ampla. Quando isso acontece é muito mais no sentido de “justificar” a violência do que provocar uma reflexão sobre seu contexto.

6.9 FD9 A Violência Contra a Mulher como Fenômeno Banalizado

A banalização da violência contra a mulher, apesar de ter se tornado algo recorrente, foi percebida nos telejornais sensacionalistas pelas entrevistadas como algo negativo. Esse sentido compõe a FD9. É a banalização que auxilia, por exemplo, para casos de impunidade.

Muitas vezes há uma banalização da violência, isto é, atos de barbárie são considerados normais, em fase de sua habitualidade. Torna-se natural aceitar a tolerância com os atos de violência contra a mulher. Parece que todos os relatos entoam em um único conceito: “violência, tua vítima é mulher”. (ROCHA, 2007, p. 92).

As sequências discursivas a seguir demonstram a percepção das entrevistadas sobre a banalização da violência contra a mulher:

Morreu mais uma. Fazem um tom de voz alterado, se exaltam, mas tratam apenas como mais um caso. (SD44, ENTREVISTADA 5).

Os apresentadores desses programas são sempre homens. Nunca vi uma mulher apresentando um telejornal assim. Para representar as mulheres. Seria uma coisa interessante. Sempre são homens, sensacionalistas. Deveria ter mais programas envolvendo e apresentado por mulheres. **É muito tratado como uma notícia qualquer, como um acidente de trânsito. Banalizou porque acontece toda hora.** (SD43, ENTREVISTADA 3).

A impunidade foi bastante citada pelas entrevistadas. Todas que têm ou já tiveram medida protetiva afirmaram que essa regra não funciona. O fato de o agressor saber, na maioria das vezes, o endereço da vítima, faz com que a proteção na prática não exista.

No capítulo dois, falamos que, apesar de existir a Lei Maria da Penha, na prática, muitas vezes, ela não funciona. O número de mulheres que sofre violência é alarmante. Uma das entrevistadas afirmou que, se houvesse uma punição mais dura aos agressores, isso serviria de exemplo para que outros homens não cometessem esse tipo de violência.

Campos (2004) afirma que há banalização da violência contra as mulheres, o que repercute na mídia.

Crimes cujas consequências são gravíssimas, repercutindo enormemente sobre o sistema de saúde e sobre a economia, como os de violência contra as mulheres, são considerados de “pouca repercussão social”. A violência contra as mulheres não tem obtido reconhecimento suficiente por parte da mídia para se tornar um crime de “grande repercussão social”. (...) Assim, o critério da grande repercussão social deve ser tomado com reservas, sob a pena dos juristas reproduzirem o senso comum ou se deixarem encobrir pela pauta da mídia, encobrindo outras graves violências. (CAMPOS, 2004, p. 66).

Quanto à banalização da violência contra a mulher nas matérias de televisão, as entrevistadas afirmaram que é a falta de aprofundamento que faz com que isso ocorra.

Acho que mostrar o vídeo foi para chamar a atenção, mas para nós que fomos vítimas de violência, é muito chocante. Dá uma raiva, da vontade de chorar, vontade de entrar dentro do computador e fazer alguma coisa. **Tu tá vendo mais uma vez uma mulher sendo violentada, mais uma vez a polícia não sabendo o que aconteceu, ela desaparecida, ninguém sabe de nada. Vai saber se ela não vai aparecer em outra reportagem morta, e aí, quem vai se importar? Qual vai ser a mobilização da sociedade depois de uma matéria assim?** Então, acho que é chocante, mostraram de maneira chocante. (SD25, ENTREVISTADA 4).

Conforme Patias (2006), os telejornais sensacionalistas extraem da notícia a carga emotiva. Mas, muito mais do que isso, as matérias não contextualizam os acontecimentos e a questão mais ampla da violência contra a mulher na sociedade. Assim, o jornalismo deixa de cumprir uma de suas funções que seria a de dar visibilidade a um problema social que necessita de uma solução. Atualmente, por se ter um grande fluxo de matérias e o imediatismo prevalecer em nossa sociedade, as notícias ficam “velhas” muito rápido, o que faz com o público esqueça das matérias de forma mais veloz também. Isso aumenta ainda mais a responsabilidade do jornalista de conseguir fazer reportagens que aprofundem o tema e tragam informações relevantes às pessoas.

Ao final da realização do grupo focal, quando questionadas, as entrevistadas elencaram três fatores principais que, na opinião delas, contribuem para a violência contra a mulher continuar existindo: 1) a criação familiar, 2) a impunidade dos agressores e 3) o machismo existente na sociedade. Todas as participantes do grupo focal afirmaram que não se sentem representadas pelas matérias de violência contra a mulher mostradas a elas. Um dos motivos, de acordo as participantes do grupo focal, é a forma como os telejornais abordaram o tema: sem contextualização. Outro fator que incomodou as entrevistas foram os discursos machistas reproduzidos nas matérias, como a culpabilização da vítima e a falta de questionamento sobre a impunidade dos agressores. As entrevistadas afirmaram que sentiram falta da voz feminina nos telejornais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa propus uma reflexão sobre um problema significativo e muito presente na atualidade brasileira: a violência contra mulher. Especificamente, me dispus a fazer uma reflexão sobre como esse tema é abordado nos telejornais sensacionalistas. Para isso, foi necessário percorrer um caminho teórico que embasasse a discussão proposta. No segundo capítulo, a partir de uma abordagem histórica até a atualidade, foram apresentados dados que mostram como a violência contra a mulher ainda é um problema grande no Brasil. Alguns autores e pesquisas trazem motivos do porquê da violência contra a mulher ainda ocorrer na sociedade brasileira, sendo um dos principais o machismo existente na sociedade em geral e nas delegacias, que deveriam acolher as vítimas.

No terceiro capítulo, procurei aprofundar a relação da violência com o jornalismo e, principalmente, com o telejornalismo. Já no capítulo seguinte, apresentei as características do telejornalismo sensacionalista com um aprofundamento nos telejornais que foram objeto de estudo deste trabalho – *Cidade Alerta*, *Brasil Urgente* e *Balanço Geral*. O quinto capítulo apresentou as duas metodologias utilizadas para a pesquisa: o Grupo Focal e a Análise do Discurso de linha francesa. Realizar o Grupo Focal foi uma experiência muito importante para mim. Por meio desse método, pude ter uma aproximação maior com mulheres que vivenciaram casos como aqueles que estavam sendo discutidos. Foi uma forma de conseguir perceber como o jornalismo sensacionalista repercute na vida de mulheres que já tinham sofrido casos de violência. Além disso, pude perceber as dimensões das questões que eu havia abordado nos capítulos teóricos. Por meio da Análise do Discurso, consegui desvendar sentidos das falas das entrevistadas e, assim, compreender o que elas entendem sobre os conteúdos apresentados pelos telejornais popularescos. Cabe destacar que foi muito produtivo fazer o cruzamento entre as duas metodologias escolhidas. Só assim foi possível alcanças os objetivos almejados.

Com base nos resultados da análise, descobri quais eram os sentidos percebidos pelas mulheres de baixa renda nos telejornais sensacionalistas e que eles não as representam, respondendo ao objetivo geral desta pesquisa. Como foi apresentado, identifiquei os seguintes sentidos nas falas das entrevistadas, relacionados às matérias apresentadas, dentro de dois eixos (a representação da

mulher e a representação da violência contra a mulher): a mulher como culpada, a mulher como vulnerável, a mulher como alvo de humilhação, a mulher sem voz – no primeiro eixo –, a impunidade do homem na violência contra mulher, a violência descontextualizada, o sensacionalismo na violência, a violência contra mulher decorrente da criação familiar e a violência banalizada – no segundo eixo. Dentro de todos esses nove sentidos, nenhum deles representou as entrevistadas.

O estudo constatou que a impunidade é um dos grandes problemas em relação à violência contra a mulher. As entrevistadas afirmaram que as medidas protetivas não trazem resultados, pois, aparentemente, a fiscalização policial não consegue atender todas as demandas. Embora isso indique que não se trata de um tema prioritário. De acordo com dados da Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres do Governo Federal, obtidos por Lei de Acesso à Informação, em 2016, havia apenas 504 delegacias especializadas de atendimento à mulher (Deams) no Brasil, sendo 50 no Rio Grande do Sul (uma em Porto Alegre). Conforme relatado no trabalho, mesmo nas delegacias especializadas, ainda existe muito machismo por parte dos policiais. O medo de ser julgada, tanto pela polícia, quanto pela família e pelos amigos, faz com que vítimas deixem de denunciar (Zuwick, 2001).

A pesquisa também concluiu, por meio dos depoimentos das entrevistadas, que o telejornalismo sensacionalista não dá voz para a mulher – começando pela apresentação que, normalmente, é feita por um jornalista homem. As entrevistadas afirmaram que sentem a necessidade de haver mais programas televisivos que sejam apresentados por mulheres e que eles não estejam relacionados apenas com saúde, beleza e bem-estar, como ocorre em muitas emissoras.

Os telejornais sensacionalistas foram bastante criticados pelas entrevistadas devido a espetacularização das notícias que tratam de violência contra a mulher. “O sensacionalista se presta a informar mais para satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas e espetaculares, expondo pessoas ao ridículo.” (PATIAS, 2006, p. 82).

É interessante perceber que os sentidos que as entrevistadas encontraram nos telejornais exibidos, ou seja, as formações discursivas, se misturam. As mulheres, ao identificarem os sentidos, fizeram relações entre eles, o que demonstra que a violência contra a mulher é um problema composto por várias questões. A impunidade, por exemplo, na visão das mulheres é causada por outros sentidos identificados, como o machismo, a banalização da violência, o fato de a mulher não

ter voz e devido à criação familiar. Por outro lado, é essa impunidade que aumenta ainda mais o machismo na sociedade, que silencia a mulher, que deixa as vítimas vulneráveis e que banaliza a violência. O machismo na sociedade pode ser classificado como um ponto central – esse preconceito tem relação com todos os sentidos encontrados pelas mulheres.

Outra questão evidenciada pelas entrevistadas foram os relatos pessoais. As mulheres que já haviam sofrido casos de violência lembraram desses acontecimentos quando assistiram aos trechos dos telejornais. Mesmo que essa fosse uma questão prevista do roteiro do Grupo Focal, as entrevistadas lembravam de suas experiências pessoais em muitos momentos antes de serem provocadas a falar deles. Isso demonstra a responsabilidade que o jornalista tem ao realizar uma reportagem, pois constatei que elas estabeleciam uma relação do conteúdo apresentado com a vida delas naturalmente. Uma das entrevistadas, ao ver cenas chocantes do telejornal *Balanço Geral*, afirmou sentir sintomas físicos (“sinto náuseas”), porque as imagens a lembravam de momentos ruins que vivenciou. Se o jornalismo e, principalmente, o telejornalismo, provoca reações das pessoas desse jeito é porque ele é capaz de possibilitar reflexões profundas. Se as reportagens que tratam da violência contra a mulher contextualizassem o problema e fossem feitas de maneira mais consciente e ética, elas poderiam provocar reflexões significativas, capazes de ajudar a melhorar a sociedade. Cabe destacar que a falta de contextualização foi percebida e criticada pelas entrevistadas.

Os telejornais sensacionalistas, como *Balanço Geral*, *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente*, são direcionados para o público das classes C, D e E. As entrevistadas do Grupo Focal, mesmo pertencendo a essas classes sociais, afirmaram não se sentir representadas. Isso demonstra que o público-alvo feminino desses telejornais não está sentindo-se representado quando o assunto é violência contra a mulher, pelo menos por aquelas mulheres que já foram atingidas pelo problema. O que remete a uma problematização: para que público está sendo feita essas reportagens? Os telejornais sensacionalistas abordam, principalmente, assuntos relacionados à violência de pessoas de baixa renda. Mas isso não significa que o fato do telejornal abordar determinado problema represente as pessoas que o vivenciam.

Por se tratar de um tema delicado, produzir este estudo foi desafiador. A violência contra a mulher no Brasil é grande de tal forma que os casos de violência são, muitas vezes, banalizados e tratados como apenas “mais uma vítima”. A

violência de um modo geral é um problema no Brasil. Mas, quando se trata dos crimes contras as mulheres, há ainda muito conservadorismo e machismo na sociedade.

Essa pesquisa segue as linhas da Teoria Construcionista, que não vê o jornalismo como um espelho da realidade mas a partir de um paradigma construtivista. Ou seja, que acredita que toda a representação é uma construção subjetiva da realidade.

Por fim, acredito que o machismo deve ser discutido em todos os âmbitos possíveis e problematizado. Esta pesquisa me fez refletir sobre a função que o jornalismo está desempenhando em relação às desigualdades de gênero. O mundo está sempre em constante modificação e o mesmo ocorre com as linhas de produção e com a mídia. Os meios de comunicação, que têm um grande alcance, possuem um papel social importante. Esta pesquisa é apenas uma das diversas problematizações que podemos fazer sobre o assunto. O primeiro passo para que se chegue a uma sociedade mais justa e igualitária entre homens e mulheres é questionar como a desigualdade é abordada, para assim, poder ser combatida. Espero que a reflexão aqui proposta contribua para isso.

REFERÊNCIAS

AIRES, Janaine; SANTOS, Suzy dos. **Sempre foi pela família: mídias e políticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CAMPOS, Carmen Hein de. Justiça consensual, violência doméstica e direitos humanos. In: STREY Marlene N.; AZAMBUJA, Mariana P. Ruwer; JAEGER, Fernanda Pires (Org.). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 63-84

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COIMBRA, Cecília Maria B. Gênero, militância, tortura. In: STREY Marlene N.; AZAMBUJA, Mariana P. Ruwer; JAEGER, Fernanda Pires (Org.). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 45-62

COSTA, Anna Paula Serejo da. **Mortalidade de mulheres vítimas de violência relacionada às desigualdades sociais e violência urbana no Brasil, 2000 a 2012**. 2016. 108f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23032>>. Acesso em: 10 out. 2017.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNÁNDEZ, Valerio Fuenzalida. Por uma televisão pública para a América Latina. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002. p. 155-200.

FINGER, Cristiane. A Banalização da Violência no Telejornalismo Gaúcho. In: Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa da Intercom, 9., 2009, Curitiba. **Anais Eletrônicos...** Curitiba: INTERCOM, 2009. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-3100-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GADRET, Débora Thayane de Oliveira Lapa. **A Emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento**. Tese –

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2016.
Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/143019>>. Acesso em: 10 out. 2017.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **La Investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata IMDEC, 2000.

HAGEN, Sean. **A emoção como estratégia do telejornal: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional**. 2009. 199 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação)- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/17740>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MOYA, Juan Antonio Gaitán e RAIGADA, José Luis Piñuel. **Técnicas de investigación em comunicación social**. Barcelona, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornalismo sensacionalista. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **O espetáculo da violência no telejornal sensacionalista: uma análise do “Brasil Urgente”**. 2005. 227 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. 2009. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/o-espetaculo-da-violencia-no-telejornal-sensacionalista-uma-analise-do-brasil-urgente/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PORCELLO, Flávio. Mídia e poder: os dois lados de uma mesma moeda – a influência política da TV no Brasil. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 47-79

PORTO, Maria Stela Grossi. **A violência entre a inclusão e a exclusão social**. Tempo soc., São Paulo, v. 12, n. 1, maio 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702000000100010>. Acesso em: 17 out. 2017.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 3a ed., 1999.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: Iuperj, 2007.

RINCÓN, Omar. A televisão: o mais importante, do menos importante. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002. p. 13-40

ROCHA, Martha M. da. Violência contra a mulher. In: TAQUETTE, Stella R. (Org.). **Violência contra a mulher adolescente- jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 91-96.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 13, n. 4, dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso 17 de out. de 2017.

SANDANO, Carlos. A informação-mercadoria do jornalismo e as novas formas de trocas culturais na sociedade globalizada. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 61-80

SANEMATSU, Marisa. Análise da Cobertura da Imprensa sobre Violência contra as Mulheres. In: VIVARTA, Veet (Coord.). **Imprensa e Agenda de Direitos das Mulheres: uma análise das tendências da cobertura jornalística**. Brasília: ANDI, Instituto Patrícia Galvão, 2011.

SOUZA, Fabíola Carolina de. Cidade Alerta: os recursos estilísticos na dramatização da notícia. In: XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos...** Foz do Iguaçu: INTERCOM, 2014. p. 1-10. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1747-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

STREY, Marlene Neves. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: STREY Marlene N.; AZAMBUJA, Mariana P. Ruwer; JAEGER, Fernanda Pires (Org.). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-43

STREY, Marlene Neves; WERBA, Graziela; NORA, Thais Cardoso. "Outra vez essa mulher?" Processo de atendimento a mulheres em situação de violência nas Delegacias da Mulher do RS. In: STREY Marlene N.; AZAMBUJA, Mariana P. Ruwer; JAEGER, Fernanda Pires (Org.). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 101-122.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VEIGA, Maria Zaclis. **Telejornalismo: mobilização ou constrangimento? A construção da imagem na notícia de violência social**. Campinas, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/284008/1/Veiga_MariaZaclis_M.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2017.

URE, Mariano. A função pública do jornalista: da imparcialidade à coesão social. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 113-128, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n2p113/10190>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

ZÜWICK, Ana Maria. O corpo violado. In: GROSSI, Patrícia Krieger, WERBA, Graziela C. **Violência e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 83-94

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL

ENTREVISTADAS:

Entrevistada 1 (idade 53 anos) - Eu era da Ocupação Lanceiros Negros, eu estava sem moradia, sem emprego e fui para lá. Quando ocorreu a desocupação, que foi bem violenta, eu fui acolhida aqui na Mirabal. Nós como mulheres somos solidárias umas com as outras. Eu não consegui estabilidade para alugar um lugar, os alugueis aqui em Porto Alegre são muito caros. Aqui na Mirabal é um local de passagem, mas é um local onde eu estou segura. Já tive casos de violência, mais de uma vez, há muitos anos atrás, desenvolvi síndrome de pânico, naquela época, quando sofri violência, não existia a ocupação mirabal para me acolher. Tive que fugir com meu filho de madrugada.

Entrevistada 2 (idade 47 anos) – A minha filha é uma coordenadora da Ocupação Mirabal. Eu não sou uma das acolhidas, eu venho aqui para ajudar a cuidar da casa. É muito bom, porque tem muitos casos tristes e mulheres que ficam desamparadas.

Entrevistada 3 (idade 29 anos) – Eu estou grávida de sete meses. Eu vim parar aqui devido a uma agressão, eu fui registrar um boletim de ocorrência, mas eu tinha que registrar corpo delito para ficar lá na casa que a prefeitura oferece. Mas, eu não queria atirar ainda mais a fera (o companheiro). Então, me indicaram vir pra cá. Eu vim parar aqui para poder ganhar o meu bebê em paz. A médica já tinha me dito que eu poderia perder o meu bebê se eu sofresse mais alguma agressão.

Entrevistada 4 (idade 33 anos) - Eu vim para cá devido a violência doméstica. Eu conhecia pessoas dentro da aThemes. Quando montaram a Ocupação Mirabal, elas que me encaminharam para cá, depois de eu ter passado um ciclo de violência de quase dois anos. Faz oito meses que estou aqui e eu tenho quatro filhos que moram aqui comigo.

Entrevistada 5 (59 anos) – Eu trouxe minha filha para cá porque ela morava na rua, eu participo de algumas coisas aqui na ocupação. Eu também já sofri violência

durante anos. Cheguei a me separar, mas aí, depois ele pediu perdão e aceitei ele de volta. Hoje em dia, ele mudou bastante. E, qualquer coisa, tenho meu filho grande que me protege.

Entrevistada 6 (50 anos) - Meu marido me deixou na rua, eu não tinha onde ficar e vim pra cá. Ele me largou sem nada e eu não tinha para onde ir. Não tinha emprego, nem nada. Eu estava na Ocupação Lanceiros Negros, então, depois da reintegração de posse, vim morar aqui.

REPORTAGEM 1

- Quais pensamentos passaram pela sua cabeça quando você assistiu essa matéria?

ENTREVISTADA 1 - Me da raiva, é um absurdo, o apresentador está culpando a vítima. Quando ele fala "como uma mulher pode se relacionar com esse homem?". A mulher tem que adivinhar agora que vai sofrer violência? A culpa é da mulher o fato dele ter matado ela? A gente vê isso todos os dias, comigo foi assim. Quando eu sofri violência, não podia contar pra ninguém, eu sabia que eu ia ser julgada.

ENTREVISTADA 3 - Esse tipo de machismo faz com que nossa situação seja assim. A violência é sempre culpa da mulher, ela que escolheu se relacionar com esse homem, ela que escolheu sofrer violência.

ENTREVISTADA 4 - Acho muito triste isso, essa culpa que a sociedade coloca na vítima. A matéria não fala dele, o porquê dele fazer isso. A culpa é dela que aceitou se relacionar com ele sabendo do histórico. Como se as pessoas não pudessem mudar. Como se a gente soubesse em quem confiar.

- O que você achou bom e o que você achou ruim nesta matéria?

ENTREVISTADA 1 - Eu não vi nada de bom nesta reportagem, ela é super sensacionalista. Não aprofunda o assunto.

ENTREVISTADA 4 – Achei péssima porque culpou a vítima. Estamos cansadas de ver essa situação.

Tu achas que a matéria aprofunda o assunto “violência contra mulher”?

ENTREVISTADA 3 – Não aprofunda, não fala do contexto da história.

ENTREVISTADA 4 – É, não fala do contexto da violência, do porque disso ainda acontecer.

Você se sente representada por essa matéria? Por quê?

ENTREVISTADA 1 - Não me sinto nem um pouco representada. Porque além de culpar a mulher, não explica exatamente o que aconteceu.

ENTREVISTADA 2 - Não, de jeito nenhum. Achei horrível.

REPORTAGEM 2

Quais pensamentos passaram pela cabeça de vocês quando assistiram essa matéria?

ENTREVISTADA 3 - A injustiça, a raiva.

ENTREVISTADA 1 - O primeiro de tudo, é que homens não aceitam os finais dos relacionamentos muitas vezes e acabam assassinando as mulheres. Tem muitos casos assim. Segundo, ela não teve nenhuma proteção lá dentro. Por que os homens não aceitam isso que as mulheres não querem mais? Eles estavam só há três meses juntos, nem era um casamento. Os filhos nem eram dele. É uma doença mental. Falta tratamento para esse tipo de homem. Muitos fazem essas coisas porque sabem que não ficar presos. Eu acho que esse cara nem deve mais estar cadeia.

ENTREVISTADA 3 - Falta vigilância até na visita íntima.

ENTREVISTADA 4 - Eu achei essa reportagem um pouco mais tranquila comparada com as outras. A reportagem não colocou tanto a culpa na mulher, se bem que, quando ela diz que fazem só três meses que eles estavam juntos, parece que está transferindo a culpa para a vítima que estava há pouco tempo com ele. Mas, não tinha como ela saber que ele ia fazer isso.

ENTREVISTADA 3 - Ela ainda largou ele. Mas, ele deve ter feito chantagem, pressão psicológica ou até mesmo ameaça, então, ela foi visitar ele e acabou sendo morta. Ela ainda fez o certo.

ENTREVISTADA 1 - A matéria está um pouco mais neutra, aparece a tia dela falando, defendendo ela. Na outra matéria não apareceu nenhuma pessoa defendendo ela. Pelo menos, nessa, escutaram a tia da vítima.

Vocês se identificaram com a matéria com alguma coisa que vocês tenham vivido?

ENTREVISTADA 1 - Eu me identifiquei com um relacionamento que terminei e ele não aceitava. Ele me perseguia, me ameaçava de morte, ameaçava de morte meu filho. Ele tocava meu interfone de noite, fez quase eu perder a moradia. Ele fez eu me mudar de madrugada com as minhas coisas, fugindo. Consegui a medida protetiva e a medida não adiantava de nada. Uma vez eu chamei a brigada, porque ele estava me perseguindo no supermercado onde eu estava fazendo compras. Era que nem filme de terror. Eu estava fazendo comprar, de repente vi ele parado lá, me olhando. E não tinha como saber. Ele era maravilhoso no início, mas tinha dupla personalidade. A brigada então, pegou ele e colocou dentro da viatura. 15 minutos depois, ele estava na minha casa tocando o meu interfone e dando risada. Ele disse que a Brigada pegou e largou ele na esquina, nem se quer levaram ele para a delegacia. A própria polícia não te protege. O jeito de sair dessa situação foi eu e meu filho sumir de madrugada. Fomos para outro bairro que ele não tinha o endereço. O pior é que eu não podia contar para ninguém porque iam me julgar, guardei tudo para mim. Iam perguntar por que tu conheceu esse cara? Tu não sabia que ele era assim? Fiquei com síndrome do pânico por causa disso. Tive que tomar

remédio. Nunca mais confiei em homem nenhum na minha vida. Alguma coisa mudou. Aquela ideia que eu tinha de me apaixonar, a ideia do amor, eu não tenho mais.

Vocês acham que essa matéria aprofunda o tema violência contra a mulher?

ENTREVISTADA 4 – Achei essa matéria um pouco melhor do que a outra, mas não me sinto representada porque sinto que culpou a vítima quando falou que ela só estava com ele há três meses.

ENTREVISTADA 1 - Não, de forma alguma.

Vocês se sentem representadas por essa reportagem?

ENTREVISTADA 5 – Não, eles não falam isso, mas a medida protetiva eu sei que não existe porque eu tive e não adiantou de nada.

ENTREVISTADA 3 - É a mesma coisa que não ter a medida. Essa reportagem não me representa.

REPORTAGEM 3

Quais pensamentos passaram pela sua cabeça quando você assistiu essa matéria?

ENTREVISTADA 1 - Ela está apavorada com ele batendo nela. Ela possivelmente está confessando algo que ela nem fez. Com certeza essa menina está morta. Ele tirou o cabelo dela porque muitos homens acham que o cabelo é uma parte que a mulher cuida, é uma parte de feminidade. Raspou a cabeça de humilhá-la. vaidade. Como ela assumiu, acho que ela está morta.

ENTREVISTADA 3 - Na real, ela não diria o nome por medo. Eu nunca traí, mas já tive que fazer isso. De ter ex e ele perguntar por que eu ainda falava com esse

fulano? Eu sabia o nome e mentia. Porque senão era capaz de ele pegar o cara e matar ele. Eu tava com pequeno deslocamento da placenta e a médica disse que dependendo do estresse, eu teria que interromper a gravidez porque perderia o bebê. Isso que a médica nem imaginava que eu era agredida. Quando eu disse pra ele que até podíamos continuar junto, mas que eu não queria mais morar com ele, ele enlouqueceu. Bateu com o capacete na minha cabeça, as pessoas só olhavam assustadas. Eu já estava com a barriga enorme de grávida. Ele olhou para as pessoas e disse que era caso de traição. Era mentira. Na verdade era o contrário, eu não queria mais estar com ele.

ENTREVISTADA 1 - Que matéria horrível. Isso é toda hora. Toda hora acontece um caso desses.

ENTREVISTADA 4 – É como se trair justificasse tu fazer uma coisa dessas, tu ser humilhada, espancada. Até um fantasma na cabeça, eu acho que ela me traiu, então eu tenho essa margem de fazer o que eu quiser com ela. Como se tivesse esse respaldo publicamente porque ele se sentiu no direito porque ela traiu. Nunca vi um caso desses de quando um homem trai, que é muito mais comum. Nunca vi uma mulher raspando a cabeça do cara, a sobrancelha e gravando um vídeo e divulgando. Essas coisas que eu fico me perguntado: por que o cara tem o direito de fazer uma humilhação dessas e como seria a reação dos homens se visse um homem apanhando de tapa na cara na televisão por que traiu?

- O que você achou bom e o que você achou ruim nesta matéria?

ENTREVISTADA 4 - Acho que mostrar o vídeo foi para chamar a atenção, mas para nós que fomos vítimas de violência, é muito chocante. Da uma raiva, da vontade de chorar, vontade de entrar dentro do computador e fazer alguma coisa. Tu tá vendo mais uma vez uma mulher sendo violentada, mais uma vez a polícia não sabendo o que aconteceu, ela desaparecida, ninguém sabe de nada. Vai saber se ela não vai aparecer em outra reportagem morta, e aí, quem vai se importar? Qual vai ser a mobilização da sociedade depois de uma matéria assim? Então, acho que é chocante, mostraram de maneira chocante. Não é representativa. Mesmo não divulgando o nome, acaba expondo. As pessoas podem acabar indo atrás deste vídeo na internet e conseguem ver quem é a vítima. Pra ver a mulher apanhando.

Pra homens mostrarem de exemplo para outras mulheres: se tu me trair, eu faço igual.

ENTREVISTADA 3 - O meu ex-companheiro dizia isso. Ele era capaz de dizer: se tu me trair, eu faço pior.

ENTREVISTADA 1- Tem homens que tem prazer de ver mulher apanhando.

ENTREVISTADA 3 - É bem assustador, apavorante. Mas, eles falam tão pouco. Agora, se colocar uma mulher para falar sobre esse caso, ela meteria o pau.

- Tu achas que a matéria aprofunda o assunto “violência contra mulher”?

ENTREVISTADA 1 – De jeito nenhum, me deu náuseas só de ver esse vídeo, ver essa mulher apanhando.

ENTREVISTADA 4 – Não. A matéria não diz o que está sendo feito, se o caso está sendo investigado e como andam as investigações. Isso é um absurdo. Daqui a pouco essa mulher aparece morta e quem vai se importar? O que será feito?

Você se sente representada por essa matéria? Por quê?

ENTREVISTADA 3 – Não, porque essa matéria não aprofunda.

ENTREVISTADA 4 – Eu sinto que ela não tem relevância. Está reproduzindo um vídeo que nem deveria estar mostrando.

Por que vocês acham que existe tanta violência contra as mulheres no Brasil?

ENTREVISTADA 1 - Injustiça, machismo, impunidade.

ENTREVISTADA 4 - Por isso existe esta casa. Eu e meus quatro filhos temos medida protetiva. Mas, aí, o agressor sabe onde é a tua casa e aí? Ele bate na tua casa e tu faz o quê? Liga para a polícia? Tu liga e a polícia demora duas horas para vir, quando chega, tu já morreu. A medida protetiva não te garante nada, é só um

papel. Se o homem te procura, ele pode ser preso. Mas, aí, tu tem acionar a polícia. E a polícia não vem. Não adianta nada.

ENTREVISTADA 6 - Acho que tem mudar a cultura dos meninos desde o berço, a criação.

ENTREVISTADA 3 - Se olharmos como são criados os homens hoje em dia é vergonhoso. Eu fui agredida na frente da mãe dele, ela quieta, espantada, é tão absurdo. Eu olhava para a minha sogra com tanta gana, uma mulher daquelas ficava olhando eu apanhando do filho dela. Um filho agressivo que faz o que quer e trata mal os outros. Quando tu ver como a mãe cria, te da nojo. Nunca quero criar meu filho assim. Mas, tu tem volta.

ENTREVISTADA 1 - A impunidade, se algum homem que fizesse essas coisas fosse realmente preso, serviria de exemplo para os outros. Tem essa mulher de ser a culpada e tal, então eles fazem, sabem que vão ficar uns meses presos e depois saem.

ENTREVISTADA 4 - Eu já ouvi um homem falar uma vez: pode me colocar nessa Maria da Penha aí. Eu pago umas cestas básicas, pego uns três meses de cadeia, depois volto e te mato.

ENTREVISTADA 3 – Cada história desses homens agressores a gente vê que é um ciclo. O pai fazia a mesma coisa com a mãe. É um ciclo que vai se repetindo.

Como vocês se sentem quando assistem reportagens que tratam de violência contra a mulher?

ENTREVISTADA 1 - Eu sinto fisicamente náuseas, eu sinto revolta, gostaria de poder fazer alguma coisa. Me sinto injustiçada como mulher, fico muito triste, fico meio doente e me faz muito mal. Gostaria que isso terminasse, sei que não vai terminar tão cedo. Só de estar aqui é uma maneira de protesto. Mas, é muito triste.

O que você pensa sobre a forma como a violência contra a mulher é abordada nos telejornais?

ENTREVISTADA 1 - A gente identifica na hora esse sensacionalismo. Eles precisam ter mais profissionalismo.

ENTREVISTADA 4 - Eu acho que isso é um jogo. Eles vão dar ênfase que é uma coisa horrível. Mas, a reportagem em si, acaba culpando a mulher. Como a mulher se relacionou com um homem que já foi preso? Como a mulher foi visitar um homem e foi morta? Usam todas essas frases para justificar os casos de violência e até mesmo chegou a morte. Como assim a gente adivinha agora as coisas que vão acontecer? E, não adianta, se tu faz ou não faz, tu morre igual. Então, eles não falam essa parte sobre não ter querer. A gente tá aqui dentro porque a gente não tem querer. Eu estou aqui dentro, com meus filhos, não posso sair para trabalhar, nem ir para faculdade, porque eu não tenho querer. E eles não falam isso A culpa é minha porque eu me relacionei com um cara doente. Mas eu não sabia que ele era doente. E isso não fala nenhuma vez que o cara precisa se tratar, que ele é doente, que a sociedade é machista. A culpa é sempre da mulher que se relacionou com o cara doente.

ENTREVISTADA 3 - Os apresentadores desses programas são sempre homens. Nunca vi uma mulher apresentando um telejornal assim. Para representar as mulheres. Seria uma coisa interessante. Sempre são homens, sensacionalistas. Deveria ter mais programas envolvendo e apresentado por mulheres. É muito tratado como uma notícia qualquer, como um acidente de trânsito. Banalizou porque acontece toda hora.

ENTREVISTADA 5 - Morreu mais uma. Fazem um tom de voz alterado, se exaltam, mas tratam apenas como mais um feminicídio.

ENTREVISTADA 3 - Da mesma forma que os se vê o pai batendo na mãe, a mulher filha cresce Eu fico pensando o que eu fiz para atrair uma pessoa dessas? E eu analisando lá na raiz, eu aprendi com uma psicóloga. É uma coisa que tem ser tratada por homem e mulher. O homem usa a força, isso que da raiva.

APÊNDICE B

| SEQUÊNCIA DISCURSIVA | FD | ENTREVISTADA |
|--|------------|--------------|
| Me da raiva, é um absurdo, o apresentador está culpando a vítima. Quando ele fala "como uma mulher pode se relacionar com esse homem?". A mulher tem que adivinhar agora que vai sofrer violência? A culpa é da mulher o fato dele ter matado ela? A gente vê isso todos os dias, comigo foi assim. Quando eu sofri violência, não podia contar pra ninguém, eu sabia que eu ia ser julgada. SD1 | FD1 | 1 |
| Esse tipo de machismo faz com que nossa situação seja assim. A violência é sempre culpa da mulher, ela que escolheu se relacionar com esse homem, ela que escolheu sofrer violência. SD2 | FD1 | 3 |
| Acho muito triste isso, essa culpa que a sociedade coloca na vítima. A matéria não fala dele, o porquê dele fazer isso. A culpa é dela que aceitou se relacionar com ele sabendo do histórico. Como se as pessoas não pudessem mudar. Como se a gente soubesse em quem confiar. SD3 | FD1 FD6 | 4 |
| Eu não vi nada de bom nesta reportagem, ela é super sensacionalista. Não aprofunda o assunto. SD4 | FD6 FD7 | 1 |
| Achei péssima porque culpou a vítima. Estamos cansadas de ver essa situação. SD5 | FD1 | 4 |
| Não aprofunda, não fala do contexto da história. SD6 | FD6 | 3 |
| É, não fala do contexto da violência, do porque disso ainda acontecer. SD7 | FD6 | 4 |
| Não me sinto nem um pouco representada. Porque além de culpar a mulher, não explica exatamente o que aconteceu SD8 | FD1 FD6 | 1 |
| A injustiça, a raiva. SD9 | FD5 | 3 |

| | | |
|--|--------------------|----------|
| <p>O primeiro de tudo, é que homens não aceitam os finais dos relacionamentos muitas vezes e acabam assassinando as mulheres. Tem muitos casos assim. Segundo, ela não teve nenhuma proteção lá dentro. Por que os homens não aceitam isso que as mulheres não querem mais? Eles estavam só há três meses juntos, nem era um casamento. Os filhos nem eram dele. É uma doença mental. Falta tratamento para esse tipo de homem. Muitos fazem essas coisas porque sabem que não ficar presos. Eu acho que esse cara nem deve mais estar na cadeia. SD10</p> | <p>FD2 FD5</p> | <p>1</p> |
| <p>Falta vigilância até na visita íntima SD11</p> | <p>FD2</p> | <p>3</p> |
| <p>Eu achei essa reportagem um pouco mais tranquila comparada com as outras. A reportagem não colocou tanto a culpa na mulher, se bem que, quando ela diz que fazem só três meses que eles estavam juntos, parece que está transferindo a culpa para a vítima que estava há pouco tempo com ele. Mas, não tinha como ela saber que ele ia fazer isso. SD12</p> | <p>FD1</p> | <p>4</p> |
| <p>Ela ainda largou ele. Mas, ele deve ter feito chantagem, pressão psicológica ou até mesmo ameaça, então, ela foi visitar ele e acabou sendo morta. Ela ainda fez o certo. SD13</p> | <p>FD2</p> | <p>3</p> |
| <p>A matéria está um pouco mais neutra, aparece a tia dela falando, defendendo ela. Na outra matéria não apareceu nenhuma pessoa defendendo ela. Pelo menos, nessa, escutaram a tia da vítima. SD14</p> | <p>FD4</p> | <p>1</p> |
| <p>Eu me identifiquei com um relacionamento que terminei e ele não aceitava. Ele me perseguia, me ameaçava de morte, ameaçava de morte meu filho. Ele tocava meu interfone de noite, fez quase eu perder a moradia. Ele fez eu me mudar de madrugada com as minhas coisas, fugindo. Consegui a medida protetiva e a medida não</p> | <p>FD2</p> | <p>1</p> |

| | | |
|---|-------------------|---|
| adiantava de nada. SD15 | | |
| Uma vez eu chamei a Brigada, porque ele estava me perseguindo no supermercado onde eu estava fazendo compras. Era que nem filme de terror. Eu estava fazendo comprar, de repente vi ele parado lá, me olhando. E não tinha como saber. Ele era maravilhoso no início, mas tinha dupla personalidade. A Brigada, então, pegou ele e colocou dentro da viatura. Quinze minutos depois, ele estava na minha casa tocando o meu interfone e dando risada. Ele disse que a Brigada pegou e largou ele na esquina, nem se quer levaram ele para a delegacia. A própria polícia não te protege. O jeito de sair dessa situação foi eu e meu filho sumir de madrugada. Fomos para outro bairro que ele não tinha o endereço. SD16 | FD1 FD2 FD5 | 1 |
| O pior é que eu não podia contar para ninguém porque iam me julgar, guardei tudo para mim. Iam perguntar por que tu conheceu esse cara? Tu não sabia que ele era assim? Fiquei com síndrome do pânico por causa disso. Tive que tomar remédio. Nunca mais confiei em homem nenhum na minha vida. Alguma coisa mudou. Aquela ideia que eu tinha de me apaixonar, a ideia do amor, eu não tenho mais. SD17 | | |
| Achei essa matéria um pouco melhor do que a outra, mas não me sinto representada porque sinto que culpou a vítima quando falou que ela só estava com ele há três meses. SD18 | FD2 | 4 |
| Não, eles não falam isso, mas a medida protetiva eu sei que não existe porque eu tive e não adiantou de nada. SD19 | FD2 FD5 | 5 |
| É a mesma coisa que não ter a medida. Essa reportagem não me representa. SD20 | FD5 | 3 |
| Ela está apavorada com ele batendo nela. Ela possivelmente está confessando algo que ela nem fez. | FD2 FD3 | 1 |

| | | |
|---|------------------------------------|----------|
| <p>Com certeza essa menina está morta. Ele tirou o cabelo dela porque muitos homens acham que o cabelo é uma parte que a mulher cuida, é uma parte de feminilidade. Raspou a cabeça de humilhá-la. Vaidade. Como ela assumiu, acho que ela está morta. SD21</p> | | |
| <p>Na real, ela não diria o nome por medo. Eu nunca traí, mas já tive que fazer isso. De ter ex e ele perguntar por que eu ainda falava com esse fulano? Eu sabia o nome e mentia. Porque senão era capaz de ele pegar o cara e matar ele. Eu tava com pequeno deslocamento da placenta e a médica disse que dependendo do estresse, eu teria que interromper a gravidez porque perderia o bebê. Isso que a médica nem imaginava que eu era agredida. Quando eu disse pra ele que até podíamos continuar junto, mas que eu não queria mais morar com ele, ele enlouqueceu. Bateu com o capacete na minha cabeça, as pessoas só olhavam assustadas. Eu já estava com a barriga enorme de grávida. Ele olhou para as pessoas e disse que era caso de traição. Era mentira. Na verdade era o contrário, eu não queria mais estar com ele. SD22</p> | <p>FD1 FD2</p> | <p>3</p> |
| <p>Que matéria horrível. Isso é toda hora. Toda hora acontece um caso desses. SD23</p> | <p>FD7</p> | <p>1</p> |
| <p>É como se trair justificasse tu fazer uma coisa dessas, tu ser humilhada, espancada. Até um fantasma na cabeça, eu acho que ela me traiu, então eu tenho essa margem de fazer o que eu quiser com ela. Como se tivesse esse respaldo publicamente porque ele se sentiu no direito porque ela traiu. Nunca vi um caso desses de quando um homem trai, que é muito mais comum. Nunca vi uma mulher raspando a cabeça do cara, a sobrancelha e gravando um vídeo e divulgando. Essas coisas que eu fico me perguntado: por que o cara tem o direito de fazer</p> | <p>FD1 FD2 FD3 FD5</p> | <p>4</p> |

| | | |
|---|------------|---|
| uma humilhação dessas e como seria a reação dos homens se visse um homem apanhando de tapa na cara na televisão porque traiu? SD24 | | |
| Acho que mostrar o vídeo foi para chamar a atenção, mas para nós que fomos vítimas de violência, é muito chocante. Dá uma raiva, da vontade de chorar, vontade de entrar dentro do computador e fazer alguma coisa. Tu tá vendo mais uma vez uma mulher sendo violentada, mais uma vez a polícia não sabendo o que aconteceu, ela desaparecida, ninguém sabe de nada. Vai saber se ela não vai aparecer em outra reportagem morta, e aí, quem vai se importar? Qual vai ser a mobilização da sociedade depois de uma matéria assim? Então, acho que é chocante, mostraram de maneira chocante. SD25 | FD1 FD5 | 4 |
| Não é representativa. Mesmo não divulgando o nome, acaba expondo. As pessoas podem acabar indo atrás deste vídeo na internet e conseguem ver quem é a vítima. Pra ver a mulher apanhando. Pra homens mostrarem de exemplo para outras mulheres: se tu me trair, eu faço igual. SD26 | FD2 FD3 | 4 |
| É bem assustador, apavorante. Mas, eles falam tão pouco. Agora, se colocar uma mulher para falar sobre esse caso, ela meteria o pau SD27 | FD4 FD6 | 3 |
| Me deu náuseas só de ver esse vídeo, ver essa mulher apanhando. SD28 | FD3 FD7 | 1 |
| A matéria não diz o que está sendo feito, se o caso está sendo investigado e como andam as investigações. Isso é um absurdo. Daqui a pouco essa mulher aparece morta e quem vai se importar? O que será feito? SD29 | FD5 FD6 | 4 |
| Não, porque essa matéria não aprofunda. SD30 | FD6 | 3 |
| Eu sinto que ela não tem relevância. Está reproduzindo um vídeo que nem deveria estar mostrando. SD31 | FD6 FD7 | 4 |
| Injustiça, machismo, impunidade. SD32 | FD5 | 1 |

| | | |
|---|--------------------|----------|
| <p>Por isso existe esta casa. Eu e meus quatro filhos temos medida protetiva. Mas, aí, o agressor sabe onde é a tua casa e aí? Ele bate na tua casa e tu faz o quê? Liga para a polícia? Tu liga e a polícia demora duas horas para vir, quando chega, tu já morreu. A medida protetiva não te garante nada, é só um papel. Se o homem te procura, ele pode ser preso. Mas, aí, tu tem que acionar a polícia. E a polícia não vem. Não adianta nada. SD33</p> | <p>FD2 FD5</p> | <p>4</p> |
| <p>Acho que tem mudar a cultura dos meninos desde o berço, a criação. SD34</p> | <p>FD8</p> | <p>6</p> |
| <p>Se olharmos como são criados os homens hoje em dia é vergonhoso. Eu fui agredida na frente da mãe dele, ela quieta, espantada, é tão absurdo. Eu olhava para a minha sogra com tanta gana, uma mulher daquelas ficava olhando eu apanhando do filho dela. Um filho agressivo que faz o que quer e trata mal os outros. Quando tu vê como a mãe cria, te da nojo. Nunca quero criar meu filho assim. SD35</p> | <p>FD8</p> | <p>3</p> |
| <p>A impunidade, se algum homem que fizesse essas coisas fosse realmente preso, serviria de exemplo para os outros. Tem essa mulher de ser a culpada e tal, então eles fazem, sabem que vão ficar uns meses presos e depois saem. SD36</p> | <p>FD1 FD5</p> | <p>1</p> |
| <p>Eu já ouvi um homem falar uma vez: pode me colocar nessa Maria da Penha aí. Eu pago umas cestas básicas, pego uns três meses de cadeia, depois volto e te mato. SD37</p> | <p>FD5</p> | <p>4</p> |
| <p>Cada história desses homens agressores a gente vê que é um ciclo. O pai fazia a mesma coisa com a mãe. É um ciclo que vai se repetindo. SD38</p> | <p>FD8</p> | <p>3</p> |
| <p>Eu sinto fisicamente náuseas, eu sinto revolta, gostaria de poder fazer alguma coisa. Me sinto injustiçada como mulher, fico muito triste, fico meio doente e me faz muito</p> | <p>FD5</p> | <p>1</p> |

| | | |
|--|-------------------|---|
| mal. Gostaria que isso terminasse, sei que não vai terminar tão cedo. Só de estar aqui é uma maneira de protesto. Mas, é muito triste. SD39 | | |
| A gente identifica na hora esse sensacionalismo. Eles precisam ter mais profissionalismo. SD40 | FD7 | 1 |
| Eu acho que isso é um jogo. Eles vão dar ênfase que é uma coisa horrível. Mas, a reportagem em si, acaba culpando a mulher. Como a mulher se relacionou com um homem que já foi preso? Como a mulher foi visitar um homem e foi morta? Usam todas essas frases para justificar os casos de violência e até mesmo chegou a morte. Como assim a gente adivinha agora as coisas que vão acontecer? E, não adianta, se tu faz ou não faz, tu morre igual. SD41 | FD1 FD7 | 4 |
| Então, eles não falam essa parte sobre não ter querer. A gente ta aqui dentro porque a gente não tem querer. Eu estou aqui dentro, com meus filhos, não posso sair para trabalhar, nem ir para faculdade, porque eu não tenho querer. E eles não falam isso. A culpa é minha porque eu me relacionei com um cara doente. Mas eu não sabia que ele era doente. E isso não fala nenhuma vez que o cara precisa se tratar, que ele é doente, que a sociedade é machista. A culpa é sempre da mulher que se relacionou com o cara doente. SD42 | FD6 | 4 |
| Os apresentadores desses programas são sempre homens. Nunca vi uma mulher apresentando um telejornal assim. Para representar as mulheres. Seria uma coisa interessante. Sempre são homens, sensacionalistas. Deveria ter mais programas envolvendo e apresentado por mulheres. É muito tratado como uma noticia qualquer, como um acidente de transito. Banalizou porque acontece toda hora SD43 | FD4 FD7 FD9 | 3 |
| Morreu mais uma. Fazem um tom de voz alterado, se | FD9 | 5 |

| | | |
|---|-----|---|
| exaltam, mas tratam apenas como mais um feminicídio. SD44 | | |
| Da mesma forma que os se vê o pai batendo na mãe, a mulher filha cresce Eu fico pensando o que eu fiz para atrair uma pessoa dessas? E eu analisando lá na raiz, eu aprendi com uma psicóloga. É uma coisa que tem ser tratada por homem e mulher. O homem usa a força, isso que da raiva. SD45 | FD8 | 3 |

